# A ARTE DA GUERRA POLÍTICA

## DAVID HOROWITZ

**TRADUÇÃO: LUCIANO HENRIQUE AYAN**

http://lucianoayan.com/2013/09/07/silvio-medeiros-e-a-arte-da-guerra-politica-de-david-horowitz/

# INTRODUÇÃO

O partido republicano alega ser o partido da responsabilidade pessoal, mas se tornou o partido que não assume a responsabilidade pelos impasses nos quais se encontra. Ao invés disso, republicanos culpam o viés da mídia, ou o mentiroso na Casa Branca, ou seus oponentes sem escrúpulos, ou até mesmo a imoralidade do povo americano, para explicar suas derrotas.

Como pode um partido ganhar na política norte-americana se tem desprezo pelo julgamento do povo? Não pode.

A maior deficiência política atual do Partido Republicano é uma falta de respeito pelo senso comum do povo americano. “Respeito” neste contexto não significa seguir pesquisas ou grupos de foco, ou até mesmo colocar o dedo servilmente em direção aos ventos. Significa que o que é correto politicamente (dentro de um quadro constitucional e compatível com os princípios profundamente arraigados) produz maiorias eleitorais.

Esquerdistas também falham ao entender isso [1]. Mas eles têm a sorte de ter tido em Bill Clinton um líder que faz, que ignora os seus conselhos, e que usa seu poder como chefe de seu partido para forçá-los a prestar atenção à voz do povo. A razão pela qual Bill Clinton sobreviveu ao impeachment, permanecendo em alta nas pesquisas, é que ele entendia o que o eleitorado queria e deu isso a eles (ou pelo menos os fez pensar que tinha dado) [2].

Apesar da presidência mais fracassada do século 20 e o pior escândalo da Casa Branca desde Watergate, Clinton foi capaz de sustentar sua popularidade refazendo o Partido Democrata tanto taticamente como ideologicamente, indo contra a vontade deles próprios. Enquanto a maioria esquerdista do seu partido caminhava contra itens como livre comércio, reforma da previdência, orçamentos equilibrados e uma posição dura contra o crime, Clinton seguiu uma “triangulação” estratégica com os republicanos para fazer exatamente o oposto.

Como resultado, na mente do público, os Democratas de Clinton parecem ser o partido do dinamismo econômico, das leis contra a criminalidade, das leis de reforma do bem-estar, dos cortes dos excedentes orçamentais e do apoio ao livre comércio. Isso é o que o povo americano quer, e é isso que eles acreditam que Clinton lhes entregou. A menos que os republicanos mudem suas estratégias e táticas para se adaptar a esta realidade, estarão destinados à irrelevância política. Eles não podem lutar as guerras do passado e esperar vencer batalhas atuais.

Os republicanos irão perguntar como é que podemos respeitar a capacidade de julgamento do povo americano quando eles não deram apoio ao impeachment e remoção de um presidente corrupto? A questão, claro, é retórica. Eis única resposta

# INTRODUÇÃO

O partido republicano alega ser o partido da responsabilidade pessoal, mas se tornou o partido que não assume a responsabilidade pelos impasses nos quais se encontra. Ao invés disso, republicanos culpam o viés da mídia, ou o mentiroso na Casa Branca, ou seus oponentes sem escrúpulos, ou até mesmo a imoralidade do povo americano, para explicar suas derrotas.

Como pode um partido ganhar na política norte-americana se tem desprezo pelo julgamento do povo? Não pode.

A maior deficiência política atual do Partido Republicano é uma falta de respeito pelo senso comum do povo americano. “Respeito” neste contexto não significa seguir pesquisas ou grupos de foco, ou até mesmo colocar o dedo servilmente em direção aos ventos. Significa que o que é correto politicamente (dentro de um quadro constitucional e compatível com os princípios profundamente arraigados) produz maiorias eleitorais.

Esquerdistas também falham ao entender isso [1]. Mas eles têm a sorte de ter tido em Bill Clinton um líder que faz, que ignora os seus conselhos, e que usa seu poder como chefe de seu partido para forçá-los a prestar atenção à voz do povo. A razão pela qual Bill Clinton sobreviveu ao impeachment, permanecendo em alta nas pesquisas, é que ele entendia o que o eleitorado queria e deu isso a eles (ou pelo menos os fez pensar que tinha dado) [2].

Apesar da presidência mais fracassada do século 20 e o pior escândalo da Casa Branca desde Watergate, Clinton foi capaz de sustentar sua popularidade refazendo o Partido Democrata tanto taticamente como ideologicamente, indo contra a vontade deles próprios. Enquanto a maioria esquerdista do seu partido caminhava contra itens como livre comércio, reforma da previdência, orçamentos equilibrados e uma posição dura contra o crime, Clinton seguiu uma “triangulação” estratégica com os republicanos para fazer exatamente o oposto.

Como resultado, na mente do público, os Democratas de Clinton parecem ser o partido do dinamismo econômico, das leis contra a criminalidade, das leis de reforma do bem-estar, dos cortes dos excedentes orçamentais e do apoio ao livre comércio. Isso é o que o povo americano quer, e é isso que eles acreditam que Clinton lhes entregou. A menos que os republicanos mudem suas estratégias e táticas para se adaptar a esta realidade, estarão destinados à irrelevância política. Eles não podem lutar as guerras do passado e esperar vencer batalhas atuais.

Os republicanos irão perguntar como é que podemos respeitar a capacidade de julgamento do povo americano quando eles não deram apoio ao impeachment e remoção de um presidente corrupto? A questão, claro, é retórica. Eis única resposta

possível que encontraram: culpar o povo. Mas se os conservadores realmente acreditam em ordem constitucional dos Estados Unidos, seu primeiro artigo político de fé certamente deve ser este: o povo é soberano.

No que diz respeito às questões complexas de governo, lei e sociedade, a verdade é indescritível. Os conservadores deveriam saber que ninguém tem o monopólio da verdade, e muito menos os políticos no governo. No caso do presidente ser impedido? É o salário mínimo um benefício para os trabalhadores, ou ele irá eliminar postos de trabalho? Achamos que sabemos o que é verdadeiro, mas também sabemos que podemos estar errados. Esta humildade é o que faz os conservadores, ou deveria fazê-los, democratas (letras minúsculas). Nós não acreditamos em regras dos ungidos, assim como não acreditamos no direito divino dos infalíveis.

A democracia arbitra incertezas da vida através de pluralidades eleitorais. Nos Estados Unidos, ninguém consegue decidir o que é verdadeiro e o que é falso, o que é certo e o que é errado sem o consentimento – ou ao menos tolerância – de uma pluralidade do eleitorado americano. Se o eleitorado está errado, apenas o eleitorado pode remediar o seu erro. Assim, um justificado respeito pelo julgamento do povo é um imperativo moral, bem como uma necessidade política. Se você não tem fé no bom senso a longo prazo do público americano, então você realmente não tem fé no sistema que os Pais Fundadores estabeleceram. Se os fundadores não tivessem a fé original no bom senso supremo do povo americano, eles nunca teriam adotado uma Constituição sustentada pela idéia de que a soberania reside na sua vontade. [3]

David Horowitz

***

Notas do tradutor

[1] O termo utilizado no original é “liberal”. A tradução para “esquerdista”, nesta versão em português, deve-se ao fato de que quando rotulamos alguém de esquerdista estamos nos referindo exatamente aquilo que um norte-americano se refere quando usa o termo liberal. Já no Brasil, o termo liberal se refere aos capitalistas, que nos Estados Unidos são definidos como os membros do Partido Republicano. Aliás, é exatamente por isso que mapeei a rotina “Sou liberal”, criada pelos esquerdistas norte-americanos para se referirem a eles próprios. Um dos equívocos de Horowitz é aceitar a rotina. Se eu fosse ele, obviamente somente chamaria o outro lado de esquerdista, não de liberal. Mas isso não conspira contra o conteúdo do livro, felizmente.

[2] O livro “The Art of Political War” foi escrito em 2000, portanto é natural que a maioria das referências seja feita à administração de Bill Clinton e várias citações tem a ver com a forma como ele escapou do impeachment, enquanto Nixon não teve a mesma sorte. Obviamente, a leitura da situação deve ser vista sob a ótica da guerra

política, e como neste jogo Clinton acertou, ao passo que seus opositores erraram. Embora escrito na época de Clinton, caso o livro tivesse sido editado hoje, 12 anos após aquele período, ainda seria muito atual.

[3] A própria introdução já declara uma postura que influenciou em muito este blog. Ao invés de ficar somente apontando o dedo para os adversários (embora isso seja importante), por que não olharmos para nossos erros na guerra política? Enfim, se há derrotas do lado conservador, elas ocorrem não só pelos estratagemas lançados pelos esquerdistas, como também por erros estratégicos da direita. A humildade de Horowitz é um dos pontos altos do livro. Ao ser capaz de olhar para os próprios erros do time (ao invés de ficar com orgulhinhos bobos), Horowitz chega a apontar a responsabilidade da atuação situação do país para os conservadores. Segundo ele, os esquerdistas avançam, enquanto os conservadores deixam, por falhas estratégicas bobas.

***

Durante as próximas duas semanas, pretendo lançar o restante da tradução do livro, cujos capítulos são:

I – É a política, estúpido!
II – Os princípios
III – A prática
IV – O que fazer
V – Observações
VI – Política e princípios
VII – Democratas e Republicanos
VIII – Fazendo o seu “case”

Todos os capítulos trarão observações minhas a respeito de contextualizações, exemplos que se aplicam ao Brasil, além de demais referências para ampliar a compreensão. Espero que lhes seja útil. Para mim, foi essencial.

# I – É A POLÍTICA, ESTÚPIDO!

Durante o debate sobre o impeachment, o povo americano sabia que Bill Clinton era corrupto e o desprezava como pessoa, mesmo que não o quisessem afastado do cargo. A maioria dos americanos sabia que ele era culpado de perjúrio, mas estavam relutantes em vê-lo cassado. Clinton escapou do julgamento porque baseou sua defesa em princípios conservadores, e também porque os republicanos ficaram em silêncio por oito meses decisivos, o que permitiu-lhe definir os termos do debate. Quando os republicanos finalmente encontraram sua voz coletiva, eles ignoraram as preocupações imediatas do eleitorado americano e basearam o seu julgamento em questões que eram demasiadamente complexas para serem digeridas pelo público.

É a política, estúpido.

Durante oito meses entre o momento em que Monica Lewinsky surgiu e o presidente Clinton admitiu sua relação, os republicanos não falaram nada sobre o escândalo sexual em efervescência. Enquanto isso, a Casa Branca lançou sua própria campanha nacional para definir os termos do debate para o público americano. O silêncio republicano era baseado na esperança de que os Democratas de Clinton se auto-destruiriam por eles próprios, e também no medo de que os próprios republicanos talvez não pudessem lidar com a questão sem atirarem no pé [1]. Os dois sentimentos tinham o mesmo raciocínio por trás: os republicanos tinham medo de lutar a batalha política. Foi pelo fato dos republicanos não confiarem neles mesmos em relação à habilidade para enquadrar o escândalo a seu favor que esperaram por uma implosão do Partido Democrata.

Na guerra política, se apenas um lado atira, o outro lado em breve cairá morto. Embora os republicanos ignoraram o campo de batalha entre Janeiro e Agosto de 1999, os aliados do presidente aproveitaram todo este tempo para retratá-lo como uma vítima dos abusos do governo. Eles definiram as questões relacionadas com a investigação como se fosse uma luta contra a invasão de privacidade pelo governo (um princípio conservador) assim como a resistência a promotores públicos fora de controle (uma preocupação conservadora) [2]. Que os americanos tenham respondido a este apelo deveria ter sido motivo de satisfação conservadora, não desânimo. Não é o povo americano que os republicanos deviam culpar pela sua incapacidade de remover o presidente. Eles deveriam culpar sua própria inépcia política.

Quando os republicanos finalmente construíram o seu caso, eles montaram seus argumentos baseados em motivos legais que eram tanto ininteligíveis para a maioria do eleitorado como também baseados em princípios esquerdistas aos quais os próprios conservadores se opuseram no passado – princípios estes que tinham sido rejeitados pelo público. [3]

Mesmo que o impeachment sempre seja um processo político conduzido pelo Poder

Legislativo, os republicanos não conseguiram se concentrar no principal caso político para a remoção do presidente (o escândalo da política externa com a China teria sido uma questão óbvia). Ao invés disso, eles contaram com interpretações da lei e argumentos legais decorrentes da fracassada ação judicial de Paula Jones na apresentação de seu caso para a retirada de Clinton.

A existência de um estatuto sobre assédio sexual permitindo que o tribunal investigue as vidas pessoais dos réus em casos de escândalos sexuais levou à descoberta de Monica Lewinsky. Este estatuto, na verdade, é uma lei radical que se afasta das normas da justiça americana, que consagra o princípio de que o réu é presumidamente inocente até que se prove como culpado. Mesmo reús que cometeram assassinato têm o direito de serem julgados pelas acusações presentes, ao invés de serem condenados pelo que cometeram no passado. Mas a lei de assédio sexual permite aos tribunais trazer a tona não somente condenações anteriores (das quais Clinton não tinha nenhuma), mas supostos crimes do passado também. Uma vez que as alegações são introduzidas no processo e um "padrão" é estabelecido, a presunção de culpa pode se tornar irresistível – é por isso que a lei americana, muito antes de ter sido traduzida por teorias feministas, descartou tais práticas.

"Macartismo Sexual" – uma acusação que os Democratas utilizaram com sucesso contra os promotores republicanos – foi uma invenção da esquerda radical. Leis de assédio sexual foram desenhadas por feministas radicais, enquanto os conservadores se opuseram a elas. Como conseqüência da loucura republicana em abraçar a filosofia dos seus inimigos, todo o debate sobre o impeachment foi pautado pela discussão da conveniência ou não das leis de assédio sexual.

Além disso, o debate sobre o impeachment girava em torno de questões para as quais apenas advogados e especialistas em constituição podiam discutir adequadamente sem qualquer pretensão de alegar autoridade (O testemunho do presidente em um caso de assédio sexual é uma evidência material ou não? Por que o testemunho em um caso sobre assuntos que deveriam ser privados? O que constitui perjúrio? Casos civis de perjúrio são de fato objeto de processo? Esse é realmente um delito passível de impeachment?). Como o debate foi baseado em causas legais, muitos pensaram que era simplesmente irrelevante, sobretudo porque os republicanos estavam constantemente lembrando-lhes que o impeachment foi um processo político e que os jurados políticos dariam o veredito.

Em outras palavras, os republicanos decidiram lutar em um território onde o público não poderia (ou não conseguiria) segui-lo. Se os argumentos legais dos republicanos não conseguiram ganhar força com a maioria do público, os argumentos políticos dos Democratas prevaleceram. A privacidade do presidente havia sido invadida, os procuradores do governo abusaram de seu poder, um ato sexual não era razão para remover um presidente eleito pelo povo [4]. Um público cético foi prontamente convencido de que o presidente foi vítima de ataques partidários. Em termos políticos, "vítimas" são aqueles oprimidos, indefesos, ou seja, o próprio povo. Em

uma disputa política democrática, o vencedor é aquele que convence as pessoas a se identificarem com ele. Em uma democracia, este é o primeiro – e talvez único – princípio supremo da guerra política: o lado dos oprimidos, que é o lado do povo, ganha.

No conflito do impeachment, a sonora estratégia Democrata foi reforçada por uma economia de pleno emprego, um índice Dow Jones em alta, tendências sociais positivas (declínio da taxa de crimes, aumento de índices de moralidade), reduzindo um significado político claro para o impeachment. Nestas circunstâncias, a resposta do público (conservador) americano de permanecer com um presidente duas vezes eleito era perfeitamente compreensível, até reconfortante.

Claro, a campanha Democrata em defesa do presidente foi uma notável exibição de hipocrisia e enrolação, o que quer dizer que foi uma demonstração virtuosa de como uma estratégia puramente política é capaz de servir um partido político em grave dificuldade. Graças à uma superior compreensão de estratégia política, os inventores reais do Macartismo Sexual (lembram-se da caça promovida pelo juiz Clarence Thomas?) foram capazes de imputar a mesma acusação aos republicanos. Os esquerdistas que passaram quatro décadas reescrevendo a Constituição de repente emergiram como os campeões nacionais da promoção da intenção original do texto (“as exigências constitucionais para crimes políticos não foram cumpridas”). Os veteranos de meio século de cruzada anti-guerra contra os militares americanos se tornaram entusiastas, do dia para a noite, de ataques com mísseis ao Sudão, Afeganistão e Iraque. Os criadores do escritório especial do promotor, que tinham utilizado impiedosamente seus poderes para perseguir três presidentes republicanos, tornaram-se críticos instantâneos dos excessos do Ministério Público, assim como os mais fervorosos defensores de uma reforma deste sistema.

Como o partido das políticas desacreditadas e falidas, além de argumentos políticos duas-caras, os Democratas demonstraram de forma dramática o quão efetiva a arte da guerra política pode ser nas mãos de um partido que entende seus princípios. Uma ilustração de como os republicanos ainda visualizam a guerra política de forma ingênua pode ser vista em um slogan postado em um programa de circuito fechado de televisão que o Comitê Político Republicano transmite aos membros da Casa: “Republicanos miram nos problemas, Democratas miram na política” [5].

Não poderia haver uma explicação mais sucinta justificando o motivo pelo qual os republicanos são tão facilmente despistados por seus adversários democratas em batalhas como o processo de impeachment. É a política, estúpido. Se você não se concentrar em vencer a batalha política, você não consegue atingir os problemas [6].

Antes que os republicanos possam começar a mudar essa situação, eles precisam parar de ficar choramingando dizendo que a vida é injusta, que Bill Clinton “roubou” os seus programas, que os democratas são pessoas sem princípios ou que eles vivem seguindo uma linha partidária. (Claro que eles fazem isso. É a política, estúpido.)

Republicanos precisam aceitar que os democratas vão praticar uma política de destruição pessoal e atribuir aos adversários os pecados que eles mesmos cometeram. Eles fazem isso porque é a maneira que encontraram para vencer.

Quando os republicanos se queixam de forças que não podem controlar, se comportam como vítimas e desistem do poder de tentar determinar o seu destino. Democratas sempre serão democratas. Eles não possuem princípios sólidos e mentem aos borbotões. Os republicanos podem até se iludir achando que os democratas vão se comportar melhor da próxima vez, mas se forem para a batalha esperando que os esquerdistas “melhorem”, vão apenas continuar terminando como vítimas constantes de emboscadas políticas. Em vez de reclamar sobre a atuação dos outros, os republicanos deviam estar se perguntando: Como eles fazem isso? Como eles se safam? O que eles sabem que os torna capazes de empacotar uma agenda política falida e vendê-la com sucesso para o eleitor americano?

David Horowitz

***

[1] Essa característica é notória em vários debates políticos já abordados neste blog, como no exemplo do embate com os neo ateus. Muitos cristãos falam “vamos deixar pra lá”, mas só estão perdendo batalhas a cada dia. Esse é um exemplo de um abandono ingênuo de uma guerra, achando que o inimigo se auto-destruirá por si próprio.

[2] Um exemplo claro pôde ser visto recentemente na questão da cassação do deputado c0nservador Demóstenes Torres. Durante a investigação, toda a sorte de conversas gravadas foi disponibilizada para o público, tornando a Polícia Federal praticamente um braço do governo do PT. A parte mais abjeta, no entanto, veio recentemente quando a PF divulgou um áudio de uma conversa mostrando que a atual esposa de Carlinhos Cachoeira, Andressa, traiu seu ex-marido com o atual. Onde está o direito à vida privada? Não é humilhante demais para o ex-marido traído ter sido exposto desse jeito? Não é falta de ética demais recorrer a subterfúgios desse tipo? Enfim, no jogo praticado pelos esquerdistas, contra os seus adversários vale tudo. Mas se isso tivesse ocorrido contra um esquerdista, obviamente eles recorreriam a princípios como o da privacidade da vida íntima (com o qual os conservadores concordam) para evitar que o julgamento fosse adiante.

[3] Esse é um dos pontos muito difíceis de rastrear para a questão brasileira, pois não há uma direita organizada por aqui, portanto quando vemos os partidos duelando, vemos os MESMOS princípios. A questão de Demóstenes é uma exceção, pois ele era um dos raros políticos conservadores, mas o seu antigo partido (DEM) é praticamente inexistente em termos eleitorais.

[4] Isso lembra muito a questão Collor/Lugo, onde todos os petistas apoiaram em

uníssono o impeachment de Fernando Collor, no início dos anos 90, mas rejeitaram ferrenhamente o impeachment de Fernando Lugo, presidente paraguaio, em junho agora. Como pode ser visto aqui, quando não há argumentos legais para justificar a censura ao impeachment de Lugo, apenas argumentos políticos são usados. Como, por exemplo, dizer que o impeachment é um golpe pois "Lugo foi eleito pelo povo". Mas legalmente todo impeachment ocorre sobre governos eleitos pelo povo, e o fato de um governo ter sido eleito pelo povo não evita que ele possa ser objeto de impeachment. Isso é óbvio, mas apenas se considerarmos a tradicional argumentação legal/constitucional, mas não uma argumentação essencialmente política, conforme nos aponta Horowitz.

[5] Esse é um exemplo espetacular de orgulho da vergonha, que eu defino como se orgulhar daquilo que alguém deveria se envergonhar. Não raro vejo conservadores dizendo "eu não ligo para vencer debates, quero apenas saber a verdade". Enquanto isso, os oponentes ligam para vencer debates e acabam levando a melhor. Eu já disse no passado que não defendo a apologia da mentira, muito pelo contrário, mas muito menos defendo a ingenuidade no jogo político. Falarei disso a seguir.

[6] Este é o melhor trecho do primeiro capítulo, que bate com tudo que venho falando aqui neste blog, principalmente desde a publicação de um texto sobre o controle de frame, entitulado "Uma introdução ao controle de frame OU Como começar a vencer os esquerdistas". Erroneamente, o texto foi entendido como se eu estivesse apoiando a idéia de que "os fins justificam os meios", no qual eu estaria justificando o uso da mentira para vencer os esquerdistas. Não, eu estava defendendo o uso do controle de frame na guerra política, o que não necessariamente tem a ver com mentir. Além do mais, se os "meios estão dominados, os fins já não fazem mais diferença". Isso significa que não adianta se "recusar a lutar" por que acha que ficar arraigado aos seus princípios é suficiente, pois se o outro lado conseguir o poder totalitário, você já não terá direito sequer a ter os seus princípios. Voltando ao que Horowitz quis dizer (e fazendo um gancho com o que explanei), se você quiser ter programas implementados, com base em ideais conservadores, terá que entrar na guerra política – ou ao menos outros terão que entrar nesta guerra, defendendo o lado conservador, enquanto você assiste de camarote. Não é reclamando das regras do jogo político que fazemos alguma coisa. Na verdade, ao ignorar essas regras, perdemos o jogo. O slogan republicano citado por Horowitz é um exemplo de orgulho da vergonha.

# II – OS PRINCÍPIOS

Aqui estão os princípios da guerra política que a esquerda compreende, mas os conservadores não:

Política é guerra conduzida por outros meios
Política é guerra de posição
Na guerra política, o agressor geralmente prevalece
Posição é definida por medo e esperança
As armas da política são símbolos que evocam medo e esperança
A vitória fica do lado do povo

Primeiro, uma ressalva. A política é contextual: não espere aplicar as regras de forma rígida e obter sucesso. Se é verdade que o agressor geralmente prevalece, há momentos em que isso não vai acontecer, e é importante reconhecer estes momentos. Se política é guerra, também é verdade que uma mentalidade de guerra produz uma atmosfera de hipocrisia e auto-censura. Para ser eficaz, você precisa se levar a sério e trazer soluções ao mesmo tempo. Se política é guerra, também é uma combinação de blackjack, jogo de dados e poker. Politicamente, é melhor ser visto como um pacificador do que um fomentador de guerras [1]. Mas nem sempre isso é possível. Se forçado a lutar, então lute para vencer.

I. Política é guerra conduzida por outros meios

Na guerra política você não luta somente para fazer seu argumento prevalecer, mas para destruir a habilidade de combate de seu inimigo. Os Republicanos geralmente tratam os combates políticos como se estivessem indo debater na União Política de Oxford, como se a vitória dependesse de argumentos racionais e princípios cuidadosamente articulados no decorrer do discurso. Mas a audiência da política não é feita de fidalgos de Oxford, e as regras são completamente diferentes [2].

Você tem apenas trinta segundos para estabelecer o seu ponto. E mesmo que tenha tempo para desenvolver um argumento, a audiência que você precisa alcançar (os indecisos, assim como aqueles que ficam pelo “meio do caminho”, e que não estão prestando muita atenção) não irá absorvê-lo. Suas palavras passarão por cima de suas cabeças e o resto nem sequer irá ouvi-lo (ou se o fizerem, rapidamente o esquecerão), pois estão envolvidos pela pressão e correria do dia-a-dia. Pior, enquanto você está desenvolvendo o seu argumento o outro lado já te pintou como um racista extremista e mesquinho, que com certeza está representando a elite, além de ser controlado por fanáticos religiosos. Ninguém que o perceber desta maneira irá ouvi-lo de qualquer forma. Neste caso, você está politicamente morto.

Política é guerra. Não se esqueça disso.

## II. Política é guerra de posição

Na guerra existem dois lados: amigos e inimigos. Sua tarefa é definir você próprio como o amigo de um eleitorado tão grande quanto possível que seja compatível com seus princípios, enquanto define o seu oponente como o inimigo sempre que conseguir. O ato da definição de combatentes é análogo ao conceito militar da escolha do território da batalha. Mas tome cuidado. A política americana ocorre em um cenário pluralístico, onde o eleitorado é diversificado e geralmente em conflito [3]. "Justiça" e "tolerância" são as regras formais do compromisso democrático. Se você aparentar ser um egoísta ou alguém excessivamente crítico, seu oponente irá defini-lo de forma mais fácil como uma ameaça, e portanto "o inimigo" (ver o princípio 4).

## III. Na guerra política, o agressor geralmente prevalece

Os republicanos normalmente atuam com base em uma estratégia conservadora de esperar pelo ataque vindo do outro lado. No futebol, isto é conhecido como "defesa preventiva". Na política, é a estratégia dos perdedores.

Agressão é geralmente vantajosa pois política é uma guerra de posição, que é definida pelas imagens que ficam. Ao atacar primeiro, você pode definir os termos do debate assim como definir o seu adversário. Definir a oposição é a jogada decisiva em toda a guerra política. Outros aspectos sendo igualados, aquele que estiver na defensiva geralmente perde. [4]

Ao atacar o seu oponente, tenha certeza de fazê-lo efetivamente. "Ir para o ataque" aumenta o risco de você mesmo ser definido como um inimigo. Portanto, há uma chance disso ser contraprodutivo. Fugir da agressão, entretanto, pode incorrer em um risco ainda maior. Na última eleição para senador da California, Barbara Boxer – uma das Democratas mais radicais à esquerda (de fato, a gastadora número 1 no congresso inteiro) – duelou com um republicano brando e moderado. Matt Fong era tão moderado que conseguiu obter apoio dos principais jornais da esquerda – o Los Angeles Times e o San Francisco Chronicle (a primeira vez que eles apoiaram um Republicano em uma disputa estadual desde os anos 60) – e estava a frente nas pesquisas. Como resultado, Boxer resolveu definir a si própria como moderada e Fong como extremista. O publico americano favorece o centro [5]. A decisão de evitar o ataque não livrou Matt Fong de ser definido pelo seu oponente como um extremista. Mas custou sua eleição. Nunca diga "nunca" em batalhas políticas. É uma arte, não uma ciência.

## IV. Posição é definida por medo e esperança

As emoções gêmeas da política são medo e esperança. Aqueles que fornecem esperança ao povo tornam-se seus amigos; aqueles que inspiram medo se tornam inimigos. Dos dois, esperança é a melhor escolha. Ao oferecer ao povo esperança e a

si próprio como o fornecedor desta esperança, você mostra o seu melhor lado e maximiza seu potencial apoio. [6]

Mas o medo é uma ferramenta poderosa e indispensável. Se o seu oponente o define de forma negativa o suficiente, ele irá diminuir sua habilidade de oferecer esperança. Este é o motivo pelo qual os Democratas são tão determinados em pintar os Republicanos como elitistas e hostis às minorias, à classe média e aos pobres.

A campanha de difamação contra Clarence Thomas, por exemplo, foi projetada para contaminar todos os negros Republicanos. Foi um aviso para outros negros que pensassem sair de baixo das asas dos Democratas. Sem o seu eleitorado negro cativo – o símbolo mais poderoso da preocupação deles com os vitimados – os Democratas estariam mortos nas pesquisas. Eles perderiam todo e qualquer centro urbano e se tornariam uma minoria política permanente. Os Democratas exploram sua imagem como o partido dos negros para estigmatizar os Republicanos como o partido dos racistas. O sucesso destas táticas significa que como Republicano você pode ter muito a oferecer aos afro-americanos e outras minorias, mas terá que realizar um trabalho extraordinário para ser ouvido.

Os Democratas conseguiram associar com sucesso a Direita Religiosa com intolerância moralista. Nisso, eles foram auxiliados por pronunciamentos intolerantes de líderes religiosos e por grupos políticos com nomes politicamente tóxicos como “Maioria Moral” e a “Coalizão Cristã”. Como resultado, é fácil para os esquerdistas os apontarem como uma ameaça para qualquer eleitorado que não compartilhe dos valores religiosos: “Os religiosos irão impor a moral deles a você” [7]. Não importa se isso é verdade ou não. Uma vez que uma imagem negativa se apoderou, o alvo está machucado – normalmente de forma mortal – na batalha política.

Para combater esta forma de ataque, é importante atuar afastado desta imagem negativa que seu oponente quer impor em você. Se você perceber que está para ser atacado como se fosse um moralista autoritário, é uma boa ideia atuar com uma posição que é inclusiva e tolerante. Se você está para ser classificado como avarento e egoísta, é uma boa ideia colocar um sorriso no rosto e demonstrar atos de generosidade e caridade. Isso irá fornecer um escudo contra o ataque. Quando Clinton assinou o projeto de lei de reforma da previdência, ele garantiu que estivessem ao seu lado duas mães de bem-estar.

Os símbolos são tão poderosos que se você os manipulá-los de forma inteligente, como fazem os Democratas, pode até lançar ataques ofensivos aos seus oponentes e fingir compassividade ao mesmo tempo. Os Democratas entendem, por exemplo, que quando eles se auto-rotulam como vítimas adquirem licença para atacar. Um político gay como Barney Frank pode atacar um oponente e chamar isso de auto-defesa. A esposa do presidente pode lançar proclamações no estilo McCarthy a respeito de uma “grande conspiração de direita” e sair ilesa pois é uma mulher e a primeira dama, além do fato dela possuir aliados como James Carville e Sidney Blumenthal, que irão

fazer sua agressão aparentar auto-defesa. Da mesma forma, os Democratas dependem de extremistas negros como Maxine Waters [8] para caluniar os Republicanos chamando-os de racistas.

Mas lembre-se disso: utilizar o medo como arma pode ser perigoso. Os inimigos inspiram medo; os amigos não. Este é o motivo pelo qual Clinton deixa seus suplentes fazerem o trabalho sujo. Quando e como usar o medo é uma arte política. Se você é um branco em uma cultura cujos símbolos foram definidos pelos esquerdistas, tome cuidado quando você partir para a ofensiva, e tenha certeza de se cercar de aliados que não são nem brancos nem homens [9].

V. As armas da política são símbolos que evocam medo e esperança

O símbolo mais importante é o candidato. Este candidato, em sua própria pessoa, inspira medo ou esperança? Os eleitores querem saber: ele é uma pessoa que se preocupa com aqueles como eu? Eu me sinto bem a respeito dele, ou ele me deixa em guarda? Eu gostaria de me sentar próximo a ele no jantar? Estilo, especialmente para os altos cargos públicos, é tão importante quanto qualquer questão ou estratégia. Jack Kennedy – um congressista que não fez absolutamente nada, um senador relativamente inexperiente – foi capaz de ganhar uma eleição nacional simplesmente recitando problemas e repetindo a litania “nós podemos fazer melhor”. Por que? Em parte por que ele era bonitão, inteligente, jovem e encantador – além de não ser um fanático.

Republicanos perdem um monte de batalhas políticas pois são percebidos pelo público como inflexíveis, carrancudos, radicais e hipócritas. Uma boa regra é ser exatamente o oposto. Você deve convencer as pessoas de que se preocupa com elas antes que elas se preocupem com o que você tem a dizer. Quando você for falar, não se esqueça que uma frase de impacto é praticamente tudo o que você tem. Não importa o que você tem a dizer, se assegure de dizê-lo de forma alta e clara. Simplifique o discurso e torne-o rápido – um slogan é sempre melhor. Repita-o sempre. Coloque-o na televisão. Radio é um bom meio, mas com poucas exceções, apenas a televisão alcança um público significante em termos eleitorais. Na política, televisão é realidade.

Obviamente, você possui uma base de apoiadores que irão ouvir por horas aquilo que você tem a dizer, se isso é o que você deseja. Nas batalhas envolvendo você, eles terão um papel importante. Portanto, o que você diz a eles também é importante. Mas não irá decidir eleições. As audiências que irão determinar seu destino são as audiências que você antes de tudo precisa persuadir. Você precisa encontrar uma forma de alcançá-los, fazê-los te ouvir, e a partir disso apoiá-lo. Portanto, é absolutamente essencial focar sua mensagem e repeti-la várias vezes, de novo. E de novo. Para um candidato isso significa a mais estrita disciplina. Falta de foco irá fazer sua mensagem descarrilhar. Se você estabelece muitos pontos, sua mensagem será difusa e nada será absorvido. O resultado será tão pífio como se você não tivesse

estabelecido qualquer ponto.

O mesmo é verdadeiro para o partido como um todo. Os Democratas tem uma linha partidária. Quando estão lutando por uma questão eles focam em sua agenda. Cada vez que um Democrata está em frente a uma câmera há ao menos uma linha em seu discurso que é compartilhada com seus colegas. “Incentivos fiscais para os ricos à custa dos pobres” é um exemplo. A repetição garante que a mensagem será absorvida. Quando Republicanos falam, todos marcham sob um compasso diferente. Há muitas mensagens ao invés de uma. Uma mensagem é uma frase de impacto. Muitas mensagens são um barulho confuso.

Os símbolos e frases de impacto determinam o voto. Estes são aqueles que atingem as pessoas em seu âmago antes que elas tenham tempo de pensar. E estes são aqueles que as pessoas se lembram. Os símbolos são as impressões que permanecem, e portanto aqueles que em última instância lhe definem. Palavras cuidadosamente escolhidas e frases são mais importantes que parágrafos, discursos, plataformas de partido e manifestos. O que você projeta através de imagens é o que você é.

As faces que representam os Republicanos também são imagens. Em uma comunidade pluralística, diversidade é importante. Atualmente, muitas faces Republicanas (as que você vê na tela da televisão) são homens brancos do Sul.

A América é baseada na idéia de que os méritos individuais são os que contam. Como conservadores do princípio americano, nós rejeitamos diversidades artificiais e cotas raciais. Mas isto é guerra política. Imagens são aquelas que contam. A imagem é a mídia, e a mídia é a mensagem. Portanto, diversidade é mais que importante. É crucial se tornar uma maioria nacional. Mas isso também é crucial pois é justo. Como conservadores, e como defensores do princípio democrático americano, queremos que todo eleitorado se sinta incluído.

## VI. A vitória fica para o lado do povo

Esta é a linha de fundo para cada um dos princípios e para todos os princípios. Você precisa definir a si próprio de forma que as pessoas entendam. Você precisa dar esperança com sua vitória, e fazê-los temer a vitória de seu oponente. Você pode conseguir ambos ao identificar a si próprio (e suas questões) com os oprimidos e as vítimas, com as minorias e os desfavorecidos, com os Janes e Joes do dia-a-dia.

Isto é o que os Democratas fazem melhor, e os Republicanos normalmente negligengiam por completo. Cada declaração política feita por um Democrata é um esforço para dizer o seguinte: “Democratas se preocupam com mulheres, crianças, minorias, trabalhadores americanos, e os pobres; Republicanos são mesquinhos, servem aos ricos, e não se preocupam com você”. Esta é a estratégia Democrata para a guerra política. Se os Republicanos querem vencer a guerra política e se tornar maioria nacional, eles precisam transformar todas essas imagens ao redor da disputa.

Eles também precisam transformar sua campanha em uma causa. Durante a Guerra Fria, os Republicanos tinham uma causa. Eles estavam salvando o país do Comunismo, e – nas últimas décadas – dos esquerdistas simpatizantes ao Comunismo. A causa ressoava em todos os níveis junto ao povo americano. Os cidadãos mais pobres entenderam que sua liberdade estava em jogo quando elegiam os Republicanos para conduzir a defesa da nação [10].

Em uma democracia, a causa que desperta paixões é a causa do povo. Este é o motivo pelo qual os políticos gostam de ir “contra Washington” e o “contra o governo estabelecido”. Como a esquerda demonstrou, a idéia de justiça é um motivador poderoso. Nas campanhas, ele irá energizar as tropas e adicionar o combustível necessário para vencer a guerra política. Os Republicanos acreditam em oportunidades econômicas e liberdade individual. O núcleo dessas idéias é justiça para todos. Se puderem tornar isso inteligível para o eleitorado americano, eles se tornarão o partido do povo americano.

David Horowitz

***

[1] Um exemplo disso pode ser visto no uso da música “Imagine” por Richard Dawkins e Sam Harris. Ambos os autores neo ateus declaram que a religião e os religiosos devem ser combatidos e extirpados do cenário público, o que é uma atmosfera de guerra, mas mesmo assim ela é remodelada como “luta pela paz”, pelo fato deles chamarem os seus oponentes de “proponentes da guerra”. Nesse caso, Dawkins e Harris estariam plenamente de acordo com os princípios da guerra política.

[2] Este é um dos pontos mais trágicos da postura conservadora em debates políticos (sim, eu sei, nos Estados Unidos a coisa está melhorando depois da chegada de Glenn Beck e Ann Coulter, e ambos são posteriores ao material de Horowitz). Quando eu escrevi o texto “Falando ao Coração”, era exatamente a isso que eu me referia. Não adianta usar discursos empolados que não serão compreendidos por ninguém, temos que falar de forma a cravar nossa mensagem no coração de nosso público. Essa é a abordagem defendida por Horowitz.

[3] Em um de seus vídeos recentes, Olavo de Carvalho explica um pouco dessa forma de atuação, onde ele diz que, ao lutar contra o gayzismo, os conservadores não podem definir a si próprios como “oponentes” dos gays. Pelo contrário, eles deviam se posicionar a favor dos direitos dos gays que não querem transformar sua opção sexual em causa política. Politicamente, Olavo está bem alinhado com as regras do jogo.

@

[4] Isto tem tudo a ver com um texto que escrevi há muito tempo, ainda em 2010, a respeito do embate entre um neo ateu e um religioso: Não li e não gostei OU Como o show de ferocidade ainda engana alguns. Na guerra política entre neo ateus e religiosos tradicionais, estes últimos passam a maior parte do tempo se defendendo, ao invés de atacarem o humanismo. Por exemplo, quando um neo ateu diz que a religião é "violenta, por causa da Inquisição", a resposta seria dizer que realmente a Inquisição, de tons religiosos, pode ter causado a violência, mas esta é modesta perto do humanismo, defendido pelos neo ateus, que por baixo matou 200 milhões de pessoas no século passado. Sim, pois todos os regimes da religião política são humanistas. Nesse caso, ao invés de ficar na defesa, o religioso tradicional vai para o ataque.

[5] Não é apenas o público americano que favorece o centro. Os seres humanos são assim, de forma geral. O fato é que sempre que alguém é pintado pelo outro lado como "extremista", está sendo afastado (muitas vezes sem perceber, infelizmente) da guerra política. Ou por que você acha que Daniel Sottomaior gasta tanto tempo rotulando seus adversários de "fundamentalistas"? Pensem nisso.

[6] A maior dificuldade, neste caso, é que a religião política (esquerda) foi formatada para vender esperança à patuléia, ao passo em que sempre definem que o povo deve ter medo do oponente (conservador). Muitos conservadores ainda não perceberam que eles estão apenas praticando o jogo político à risca. Voltando ainda à questão do neo ateísmo (e a análise do material da guerra política de Horowitz nos ajuda a ver o neo ateísmo de outra forma, basicamente como um movimento político da esquerda para lutar contra a religião), fica claro o motivo pelo qual John Hartung passa tanto tempo dando esperança aos que acreditarem nele, mas definindo os religiosos como aqueles que devem ser temidos, pois enquanto estes existirem a esperança oferecida por ele não poderá ser ofertada. Pior ainda, os religiosos são apontados por ele como os causadores de um provável fim da humanidade. Essa abordagem é base de todo o material neo ateu, em especial o de Sam Harris. Mas o bom é que agora você já sabe, com esta tradução apresentada aqui, o EXATO motivo pelo qual eles fazem isso.

[7] Isso deixa claro de forma mais que óbvia o alinhamento EXTREMO existente entre o neo ateísmo e o esquerdismo, certo?

[8] Para se ter uma noção do extremismo de Maxine Waters, em relação à violência desenfreada (58 pessoas morreram) ocorrida em Los Angeles após o veredito do caso Rodney King em 1992, Waters disse que a violência não deveria sequer ser chamada de rebelião: "Se você rotula isso como rebelião pode parecer que tínhamos um bando de malucos que saiu para realizar coisas ruins sem razão aparente. Eu mantenho que toda a ação foi de certa forma compreensível, senão aceitável." Mais ainda, ela disse que a violência "foi uma reação espontânea para uma série de injustiças". Em relação ao saqueamento de lojas de corenos pela população negra, ela disse: "Haviam mães que aproveitaram isto como uma oportunidade para levar algum leite, obter algum pão, recolher alguns sapatos… Eles não são bandidos". O importante de lembrarmos

de figuras como Maxine Waters é mostrar que o extremismo de esquerda não é uma exclusividade dos países latino-americanos. Na verdade, o modelo do marxismo cultural que levou a isso já vinha sido praticado muito antes nos Estados Unidos.

[9] No Brasil, não temos uma direita. Eu já disse isso anteriormente e sempre é bom repetir. Entretanto, em algumas eleições torcemos para que o PSDB vença o PT. O motivo é claro: é melhor que o PT não se torne hegemônico, e que o aparelhamento estatal petista seja reduzido. Considerando esse aspecto, podemos mapear alguns erros cometidos pelo PSDB na luta contra o PT. Por exemplo, já tivemos duas mulheres assumindo a prefeitura da capital de São Paulo pelo PT, Marta Suplicy e Luiza Erundina. E o PSDB, o que fez em oposição a isso? Praticamente nada. Como se nota, assim como os Democratas jogam o jogo político muito bem nos Estados Unidos, podemos notar que no Brasil o PT joga muito melhor que o PSDB. Simples assim.

[10] É exatamente por isso que afirmo que o surgimento do Occupy Wall Street, mais que uma ameaça, pode ser encarado como uma excepcional OPORTUNIDADE para os conservadores. O uso do discurso socialista pelos adeptos do Occupy Wall Street nos dá evidências de que a ameaça socialista não está vencida nos Estados Unidos, e portanto os conservadores passariam a ter uma causa, a de proteger a liberdade dos americanos das mãos de um sistema totalitário. Na época do lançamento do livro, um movimento como o OWS não estava em voga. Agora temos isso em mãos. É apenas uma questão de aproveitar.

# III – A PRÁTICA

Estes foram os princípios. Aqui estão alguns exemplos de como eles funcionam (e como não funcionam).

Verdade na Rotulagem

“Incentivos aos ricos às custas dos pobres” é a frase de impacto dos Democratas que define os Republicanos como porcos mesquinhos e inimigos dos pobres. É uma mentira que tem sido imposta ao eleitorado através de um milhão de repetições. É o canto que permeia qualquer afirmação de um Democrata no Congresso e qualquer postura esquerdista na mídia.

Qual é o canto Republicano? Não há nenhum. [1]

A primeira arma a ser inserida no arsenal Republicano é uma frase de efeito que define os Democratas e neutraliza este ataque. O slogan Democrata é efetivo pois aplica todos os princípios: Não é um argumento que possa ser refutado; é uma imagem que grava a si mesma na mente como um todo auto-evidente. Ela define os Republicanos como egoístas, mesquinhos e corruptos. Também define os Republicanos como inimigos das pessoas. Essa afirmação não precisa ser defendida pois não se preocupa em justificar a si própria.

Uma imagem ou frase de efeito é a forma crucial de poder de fogo político. É um míssil coletor de votos. Se amplificada por televisão ou rádio, é como um míssil teleguiado que percorre centenas ou até milhares de quilômetros para atingir um alvo específico. Pense em você próprio como separado do eleitorado por oceanos de estática. Notícias locais e internacionais, questões de família, demandas profissionais, assuntos de negócio, entretenimento, e outras distorções que geram essa desordem de ondas entre você e seus eleitores. A frase de efeito, como um míssil teleguiado, passa por tudo isso. Isso é o que a torna decisiva.

Nem contra-argumentos e nem a razão podem combater o míssil de guerra dos Democratas. As pessoas alcançadas pela frase de efeito lançada pelos Democratas nunca irão ouvir os contra-argumentos ou as evidências que refutam a calúnia imposta por eles. A estática é grande demais; a desordem de informação é demasiadamente densa. Nunca subestime a dificuldade de alcançar as pessoas com uma mensagem política. A única resposta efetiva para uma frase de efeito é outra frase de efeito, um míssil político teleguiado.

Aqui há uma sugestão para uma frase de efeito Republicana: “Impostos para os burocratas, tirados dos bolsos do povo”.

Esta é uma resposta aos Democratas. Nada mais longo que isso irá fazer o trabalho.

“Taxas para os burocratas, tiradas dos bolsos do povo” resume todo o significado das políticas dos Democratas. Se os trilhões gastos pelo estado de bem social fosse para as pessoas pobres ao invés dos burocratas, não haveriam pessoas pobres; se os milhões da educação fossem para a sala de aula e pagassem professores para que efetivamente ensinassem (ao invés de meramente aparecem para o trabalho), não haveria crise da educação. [2]

O princípio da frase de efeito pode ser aplicado para as outras questões políticas da mesma forma. Os Republicanos deveriam rotular suas propostas com linguagem que lhes dê vantagem. Infelizmente, os Republicanos não prestam atenção suficiente em detalhes como esse. Observe a proposta Republicana entitulada “Proposta de Redução de Gastos na Educação”, que fracassou na sessão legislativa em 1998. Seu próprio nome projeta uma imagem de frugalidade que se adequa à imagem negativa criada pelos Democratas sobre os Republicanos, rotulando-os como mesquinhos contabilistas. “Proposta de Redução de Gastos na Educação” soa como a ideia de pessoas sovinas: “Vamos gastar menos na Educação”. Ao rotular sua própria proposta dessa maneira, os Republicanos fizeram o trabalho dos Democratas por eles. Eles reforçaram a imagem negativa e colocaram o alvo em suas próprias cabeças mesmo antes que os Democratas começassem a atacar a Proposta de Redução de Gastos na Educação – como se fosse “incentivos para os ricos às custas dos pobres”.

Pessoas abastadas, é claro, não precisam de redução de impostos para enviar seus filhos para a escola privada. Trabalhadores americanos precisam. Então por que não dizer isso? Por que não chamar esta legislação de “Proposta de Educação para os Americanos Trabalhadores”? E por que não lembrar os eleitores a cada chance que você tem que na verdade são os legisladores democratas que enviam seus filhos para escolas privadas, negando aos trabalhadores americanos e aos pobres o mesmo privilégio. Os Republicanos se queixam de que os Democratas usam a política de “guerra de classes” contra eles. Mas os Democratas vão usar a luta de classes enquanto ela funcionar. A única forma de detê-lo é usar o mesmo recurso contra eles [3]. Impostos para os burocratas, tirados dos bolsos do povo: as políticas dos Democratas significam escolas privadas para as elites esquerdistas e miséria educacional para os trabalhadores americanos. Isso é um míssil coletor de votos.

Há uma diferença profunda entre “proposta política” e “política” – distinção que normalmente não é percebida pelos Republicanos. Uma proposta política não á automaticamente boa política, especialmente se é facilmente deturpada pela oposição e difícil de ser explicada ao eleitor comum. Uma boa proposta política pode se tornar má política se está identificada com o porta-voz errado.

Considere a proposta de Steve Forbes da alíquota única, que iria taxar todos a uma taxa uniforme de 17% sem quaisquer válvulas de saída. Provavelmente é uma boa idéia. A proposta elimina grandes burocracias, fornece um corte de impostos em todos os sentidos, e permite aos pagadores de impostos saber exatamente o quanto o governo está lhes retirando.

Mas olhe quem está apresentando a proposta. Steve Forbes possui um valor pessoal de quatrocentos milhões de dólares. Isso facilmente o coloca facilmente no grupo daqueles que atualmente pagam 39,6%. Seu plano de impostos iria cortar sua contribuição ao "bem estar geral" em cerca de 23%. Mas alguém que está no grupo dos que pagam 18% iria ter apenas uma redução de 1% em seu plano. A redução do pagamento de impostos de Forbes, por sua vez, iria resultar em milhões de dólares. Como Steve Forbes poderia querer vender um corte de taxas para si próprio que excede a renda total da maioria dos Americanos? Nao poderia. [4]

A única razão pela qual Steve Forbes permaneceu tanto tempo como candidato é que ele nunca teve que concorrer contra um Democrata. Os Republicanos não iriam usar a retórica da guerra de classes contra ele. Os Democratas sempre farão isso. "Sr. Forbes, você poderia dizer aos americanos como pode justificar um abatimento de milhões de dólares de impostos em prol de si próprio? Em seu website, você diz que uma família com 4 pessoas cada ganhando 36.000 dólares vai ter uma redução de impostos em torno de 16.000 dólares, e enquanto isso você tem milhões de redução. Como isso pode ser justo? Ou americano?"

Não há nenhuma resposta que Steve Forbes poderia dar em trinta segundos para convencer a grande massa de eleitores que tem rendas médias que ele se preocupa com o povo. Forbes tem outro problema. Ele tem um olhar de coruja e uma personalidade cerebral. Não tem simpatia pessoal e não é "um dos caras" – alguém que você esperaria encontrar tomando cerveja em um bar local ou jogando boliche. Isto é tanto um problema como é sua riqueza na conexão com os eleitores médios, tendo que deixar-lhes a impressão de que ele entende o povo e se preocupa com seus problemas.

Steve Forbes pode continuar indo para lugar algum como candidato, mas nenhum membro de seu staff político bem pago lhe dirá isso. Se Forbes realmente queria mudar o sistema de impostos, deveria pegar os cinquenta milhões de dólares ou mais que gastou na tarefa impossível de se eleger e ter usado para eleger outros para fazer o trabalho que ele queria feito. A tratamento da questão dos impostos é um problema real para os Republicanos. Cada iniciativa de corte de impostos em linhas gerais vai beneficiar as faixas de renda superiores, pois eles pagam uma taxa maior e portanto terão um alívio maior da carga tributária.

Questões e propostas não são os únicos itens que podem ser rotulados para efeito positivo. Indivíduos e partidos podem ser rotulados da mesma maneira. Claramente é difícil rotular um partido inteiro, então os Democratas se agarram a uma ala extrema do Partido Republicano e dizem que o partido em si é prisioneiro do elemento extremo. A "Direita Cristã" tem sido demonizada por ativistas de esquerda e se tornou um símbolo de intolerância, fanatismo e hostilidade às minorias. A partir disso, esquerdistas passaram a usar a Direita Cristã para demonizar o Partido Republicano como um todo.

Os Democratas são tão adeptos de aplicarem estigmas aos seus oponentes Republicanos que eles nem sequer precisam usar as palavras “Direita Cristã” para obter seu resultado. Considere uma correspondência típica assinada pela senadora californiana Barbara Boxer solicitando fundos para o oponente do congressista Republicano James Rogan. Rogan foi alvo dos Democratas por que era um dos gerentes da Casa no processo de impeachment. Antes de se tornar Republicano, Rogan foi um Democrata de John F. Kennedy e um membro do comitê central do Partido Democrata da Califórnia. Ele explicou que trocou de partidos por causa da oscilação excessiva para a esquerda dos Democratas e não por causa de alterações drásticas em seus próprios pontos de vista. Em 1999, desafiou o presidente Republicano do comitê judiciário, que era seu mentor, e se opôs a uma proposta que esse presidente havia criado tentando restringir o conteúdo sexual nos filmes de Hollywood. Ainda assim Boxer escreveu: “Você pode não ter ouvido falar ainda do congressista James Rogan antes do impeachment. Mas confie em mim, o julgamento de impeachment não foi uma aberração na carreira de Rogan. James Rogan é um dos membros mais radicais da ala da direita em todo o Congresso”. [5]

Normalmente, a resposta republicana para tais ataques é tentativa e defensiva – “Eu não sou um extremista” – e consequentemente destinada ao fracasso. Os Democratas rotulam os Republicanos de “ala da direita”, significando “intolerantes, extremos”. É claro que é difícil, se não impossível, desprovar uma negativa. Enquanto você está ocupado se defendendo, a oposição está no ataque. Este é o motivo pelo qual a melhor defesa é sempre o ataque. Mas você não pode atacar a não ser que esteja preparado, e os Republicanos não possuem um rótulo correspondente para impor aos Democratas.

Será que isto ocorre por que os Democratas não possuem uma ala radical? Dificilmente. Há uma esquerda mlitante no Partido Democrata que possui enorme influência e inclui tipos como Maxine Waters, Barney Frank, James Carville, e Sidney Blumenthal. Durante os anos de Clinton, quarenta membros do Congressional Black Caucus assinaram um “pacto” com o líder americano racista e anti-judeus, Louis Farrakhan, mas os Republicanos não fizeram nada a este respeito na época, e agora isso está esquecido. Por outro lado, uma simples palestra feita pelo Representante Bob Barr e o Senador Trent Lott ao obscuro Conservative Citizens Countils, associado em nome e algumas pessoas com o defunto de longa data White Citizens Councils, pode ser efetivamente usado por Democratas para desacreditar os Republicanos e acusá-los de alinhamento com racistas. [6]

Há também uma vasta ala socialista na Coalizão Democrática (embora apenas alguns poucos membros iriam publicamente identificarem-se desta maneira). As uniões governamentais que representam professores e empregadores não estão apenas vivenciando conflitos de itneresse (interesses especiais que elegem seus próprios empregados, fazendo lobby para aumentarem seus próprios salários). Eles também são a vanguarda socialista do Partido Democratico, cuja única agenda consistente é

expandir o já enorme governo. Em adição, 58 Democratas congressistas já identificaram a si próprios como um “Progressive Caucus”, o qual é formalmente aliado com os “Socialistas Democráticos” e outras organizações da esquerda radical.

Não é difícil surgir com um rótulo para os Democratas: esquerdistas. O Partido Democrático é o partido da esquerda. [7]

Mas ninguém chama os Democratas de esquerdistas, mesmo que os Republicanos sejam casualmente identificados como direitistas pelos Democratas e a mídia. Mesmo Republicanos conspiram contra eles próprios e caem na armação se juntando à charada quando chamam os Democratas de “liberais” ao invés de “esquerdistas”. “Liberal” é uma palavra cuja raiz é “liberdade”, não “controle governamental”, que é a agenda Democrata (de que forma são os modernos liberais de fato “liberais” em qualquer caso, exceto em suas atitudes a respeito e drogas e sexo?). Nós precisamos de regras de verdade na rotulagem para partidos políticos. Mas os Republicanos não deveriam esperar que os outros fizessem a correção. Eles deviam empregar “esquerda” e “esquerda radical”, além de “extrema esquerda” como rótulos reflexivos para descrever aqueles que pertencem para o que é agora chamado de “ala liberal” do Partido Democrático.

Esquerdistas possuem uma história que os associa de forma precisa aos experimentos em governos inchados e soluções socialistas. A expressão “liberal”, por outro lado, induz ao erro de conectá-los a Adam Smith, James Madison e John Locke. Estes eram os campeões filosóficos dos mercados livres e democracia política, não controle governamental e nivelamento econômico. Os legisladores Republicanos deviam praticar a arte de referenciar Democratas como Maxine Waters como “minha oponente da extrema esquerda”, ou “meus colegas de esquerda Bernie Sanders e Barney Frank”. Eles deviam parar de culpar a mídia por descrever esquerdistas como “liberais”, enquanto os próprios Republicanos deixam seus oponentes fora do gancho. [8]

A destruição de Newt Gingrich

A destruição de Newt Gingrich pelos Democratas foi um exemplo clássico de uma batalha política empreendida com sucesso. Não teve nada a ver com argumentação intelectual ou princípios políticos, nem poderia. Você não pode paralisar um adversário vencendo-o o no debate político; você pode fazer isso apenas se seguir a injunção de Lenin: “Em conflitos políticos, o objetivo não é refutar os argumentos de seu oponente, mas extirpá-lo da face da Terra”. [9]  Não iremos tão longe quanto Lenin, mas destruir a efetividade de seu oponente é uma prática comum e razoável. Difamações pessoais podem cuidar disto, e os Democratas são muito bons nisso.

Newt Gingrich foi algo raro na política Republicana – um genuíno lider de massas. A vitória eleitoral de Gingrich com larga vantagem em 1994 foi o resultado de mais de uma década de organização de um movimento político de base, incluindo seleção e

treino de candidatos, além do desenvolvimento de uma mensagem política. Foi na verdade mais que uma mensagem política: foi um chamado à transformação do governo; era uma visão política inspiradora.

Por esta mesma razão, Gingrich precisava ser neutralizado. Mesmo antes dele se tornar Presidente da Câmara, Gingrich foi definido como o líder Republicano mais efetivo, e portanto alguém que precisava ser destruído. “Newt é o centro nervoso e a fonte de energia”, explicava um estrategista Democrata que entendia os termos da guerra política. “Ir atrás dele é como tirar dos Republicanos tanto comando como controle”.

Enquanto Gingrich estendeu um ramo de oliveira aos democratas em seu discurso inaugural como Presidente da Câmara, já era uma das metas dos Democratas paralisá-lo, e depois matá-lo politicamente, de forma a retirá-lo do campo de batalha. A peça central do ataque Democrata foi uma campanha de calúnias endereçada por um Comitê de Ética direcionado a definir Gingrich permanentemente como indigno de sua função. Eles conseguiram isso com um pretexto falso, em um congresso que os Republicanos controlavam. Os achados do Comitê de Ética – que afirmavam que Gingrich tinha violado as regras do Congresso – forneceram um “fato” que apareceu para validar as calúnias dos Democratas. Isso lhes permitiu definir Gingrich como o inimigo do bom governo – e, portanto, um inimigo do povo. Era o equivalente à morte política.

As chaves para este resultado foram as acusações formais de ética que os democratas registraram praticamente desde o dia em que ele assumiu o cargo. Eventualmente, os Democratas apresentaram 74 acusações seaparadas contra Gingrich, 65 das quais foram sumariamente descartadas pelo comitê. O número de acusações por si só já é algo significativo, revelando o quão profundamente este era um caso de “mostre-me o homem e eu vou encontrar seu crime”.

Em circunstâncias similares, os Republicanos nunca pensariam em registrar acusações formais que eles saberiam jamais terem chance de irem à frente, muito menos acusações falsas. Só que os Democratas entendiam que as acusações formais eram apresentadas em público, mas descartadas em privado – ou ao menos onde o público não iria prestar atenção. Mesmo que as acusações fossem rejeitadas, ainda assim elas eram úteis para a estratégia. Um pouco da lama sempre acaba respingando no alvo. Os golpes continuamente enfraqueciam Gingrich, ficando cada vez mais difícil para ele se defender. O grande número de acusações manteve Gingrich – normalmente um líder agressivo – fora de equilíbrio, agindo na defensiva.[10]

Eventualmente, os irresponsáveis Republicanos que pertenciam ao Comitê de Ética cederam à pressão dos Democratas e Gingrich foi forçado a admitir uma acusação frívola. Mas isso foi o suficiente. O líder foi condenado a uma multa de 300.000 dólares. Três anos depois, o IRS inocentou Gingrich da acusação inventada, mas a batalha já havia sido perdida há muito tempo. Gingrich não era mais Presidente da

Câmara. Ele foi maculado como sendo um homem com padrões éticos deficientes e permanentemente neutralizado, e os Republicanos e o país perderam um líder.

O que os Republicanos poderiam ter feito? Eles poderiam ter lembrado que estavam em uma guerra. Eles poderiam ter respondido olho por olho a esta flagrante ação para destruir seu líder. Ao invés de permanecerem assistindo e acompanhando os Democratas o bicarem até a morte, eles podiam ter criado uma sala de comando e um plano para combatê-los na mesma moeda. No dia em que a primeira acusação foi registrada contra Newt Gingrich por David Bonior, o “chicote” dos Democratas (e um membro oficial da ala da esquerda militante do partido), os Republicanos deviam ter registrado a primeira acusação contra Bonior. E eles deviam ter registrado acusações, uma a uma, até que os Democratas desistissem de seu ataque.

Os Democratas empregaram a mesma ação agressiva e sem escrúpulos para neutralizar a investigação do Presidente Clinton pelo promotor Kenneth Starr. Eles atacaram o promotor especial e o colocaram na defensiva. Eles foram para cima de Kenneth sem descanso até tornar cada palavra e cada acusação que ele fez automaticamente suspeita aos olhos do eleitorado; as pesquisas refletiram o sucesso das ações dos Democratas. A estratégia de ataque Democrata foi o equivalente político a uma defesa anti-mísseis. Se os Republicanos tivessem lutado com metade da tenacidade para defender um líder inocente em comparação ao que os Democratas fizeram para defender um presidente culpado, o panorama político hoje seria dramaticamente diferente.

Vencendo com uma questão derrotada

Com uma estratégia adequada, você pode até vencer uma eleição com uma questão retardatária em um estado perdido. As eleições de Novembro de 1998 na California foram um desastre não mitigado para o Partido Republicano, uma derrota sem paralela no estado desde os anos 30. O candidato republicano ao cargo de governador perdeu para seu oponente por vinte pontos, sendo derrotado em virtualmente todas as partes do estado. Após 16 anos de domínio Republicano, apenas dois Republicanos obtiveram vitórias minguadas em escritórios estaduais.

Os resultados na comunidade hispânica foram até piores do que no restante da população. A desconfiança hispânica em relação aos Republicanos foi aprofundada sobre duas eleições como resultado de iniciativas eleitorais contra a imigração ilegal. Essa alienação pode ser evidenciada no fato de que em 1998 o candidato a governador Republicano obteve apenas índices entre 17% a 23% do voto Hispânico (números que variavam de acordo com a pesquisa de boca de urna). Esse desempenho desastroso ocorreu apesar do fato da campanha estadual republicana ter tido melhor financiamento do que a oposição Democrata, com a primeira gastando 43 milhões de dólares e a segunda apenas 33 milhões, apesar do fato dos Republicanos terem lançado mais candidatos latino-americanos do que os Democratas, e apesar do fato de que o candidato Republicano fez um esforço extra em direção à comunidade

hispânica, incluindo uma campanha publicitária de televisão toda em espanhol.

Mas cinco meses antes, uma iniciativa eleitoral patrocinada pelo Republicano Ron Unz em uma questão latino-americana, no mesmo estado, teve um resultado diametralmente oposto. A iniciativa de Unz para terminar com a educação bilíngue foi denunciada pelos maiores jornais e figuras do establishment na California, por todos os Democratas, e até pelo candidato republicano a governador. A campanha antibilíngue conseguiu levantar apenas 1,5 milhões de dólares e não conseguiu sequer financiar um anúncio de televisão, enquanto a oposição levantou 4,8 milhões de dólares e financiou uma forte campanha televisiva. Ainda assim, mesmo com todos esses obstáculos, a campanha antibilíngue obteve sucesso em uma vitória por larga maioria de votos, com 61% a favor da iniciativa e 39% contra. A iniciativa recebeu 35% dos votos hispânicos – duas vezes o que o candidato a governador iria receber cinco meses mais tarde.

Como isso pôde acontecer? A resposta é que os patrocinadores da iniciativa antibilíngue seguiram os princípios da guerra política, especialmente o mais básico: posicionaram-se do lado do povo. Eles se auto-definiram como amigos das crianças hispânicas que estavam tentando aprender nos Estados Unidos e melhorar suas vidas. Como resultado, eles ganharam a simpatia e apoio não apenas dos hispânicos que queriam que suas crianças tivessem uma chance na vida, mas também de todos aqueles que viam os filhos de imigrantes como azarões da sociedade e que também mereciam um tratamento justo.

Na primeira conferência de imprensa, Unz e seus co-patrocinadores disseram que eles estavam respondendo a uma demonstração de pais hispnânicos na prefeitura. Um grupo de pais latinos havia organizado um protesto para pedir que suas crianças fossem ensinadas em Inglês, um privilégio que os programas “bilíngues” atuais negavam a eles. Como estudos revelaram, os programas de educação bilíngue implementados no sistema escolar eram basicamente programas de trabalho para adultos que falavam espanhol. Eles eram monolíngues, não bilíngues, e muitas das crianças neste sistema nunca aprendiam Inglês. Os proponentes hispânicos queriam que suas crianças fossem retiradas destas programas de aprendizado de língua espanhola de forma que pudessem ser ensinadas em Inglês e um dia obterem trabalhos decentes e um direito de participar do sonho americano [11]. Os patrocinadores da iniciativa bilíngue presentes na conferência de imprensa eram um professor ativista latino e uma freira Episcopal que tinha criado o seu próprio programa para ensinar crianças hispânicas na língua inglesa.

Haviam muitos argumentos que poderiam ser feitos para ensinar imigrantes hispânicos em Inglês. O bilingualismo poderia ser visto legitimamente como uma ameaça à unidade nacional. O Canadá é um exemplo evidente do que pode acontecer com um país com mais de uma língua oficial. Mas tal posicionamento da iniciativa iria convidar a resposta de que ela era anti-imigrantes e serviria para perseguir um segmento vulnerável da comunidade (crianças imigrantes pobres). Isto seria utilizado

nas mãos da oposição de esquerda e seria fácil para eles rotularem os patrocinadores e a própria iniciativa como inimigos das crianças, minorias e dos pobres. Se fosse posicionada desta forma, a iniciativa teria fracassado.

Mas uma vez que a imagem de uma mão auxiliadora para um grupo em desvantagem foi estabelecida na mente do eleitorado californiano, a vitória estava garantida. Pesquisas iniciais obtidas antes que a oposição iniciasse sua campanha de difamação mostraram a initiativa ganhando uma média geral de 80 a 83 por cento dos eleitores hispânicos. Nem mesmo uma campanha de 4,8 milhões de dólares tentando manchar seus proponentes como "xenófobos" e "racistas" poderia talhar esse número para menos de 60 por cento. Isto é o que uma posição estrategicamente estabelecida no campo de batalha pode realizar.

## Conservadorismo compassivo

Quando os Demoratas falam politicamente, toda palavra é um apelo a "mulheres", "crianças", "minorias", "trabalhadores americanos" ou "os pobres". Isto imediatamente prepara o campo de batalha de uma forma que favorece a vitória deles. Todos os americanos se consideram oprimidos: pergunte ao Bill Gates; se importar com as minorias e os vulneráveis é se preocupar com eles. Muitos americanos são tolerantes e compassivos: se importar com minorias e oprimidos significa ressoar com o senso americano do que há de melhor neles próprios. Tomar o lado dos anjos é bom quando você está indo para o campo de batalha.

Outra vantagem da retórica Democrata é que ela fala diretamente aos americanos sobre coisas que eles compreendem – as vidas concretas de seus companheiros, seres humanos. Ao falar a respeito de mulheres, crianças, minorias, trabalhadores americanos e os pobres é criada a conexão. Isso estabelece um elo entre o falante e o ouvinte, aparentemente vindo do coração. Se isso é feito de forma aparentemente sincera, isso identifica imediatamente o falante como um amigo. Os Republicanos, em contraste, tendem a falar em linguagem abstrata a respeito de doutrinas legais e orçamentos econômicos. Eles soam como se fossem homens de negócio, advogados e contadores. Eles argumentam sobre as virtudes das alíquotas únicas contra as taxas de valor agregado. Eles falam a respeito de ganhos de capital e cortes de taxas. Eles falam a partir da mente, não do coração.

Muitos americanos não sabem o que "capital" significa, muito menos um ganho de capital. Se você tivesse uma hora (ao invés de trinta segundos) e fosse capaz de explicar a eles por que taxas sobre ganhos de capital significam taxação duplicada, isso provavelmente não faria diferença alguma. Quando você tivesse finalizado sua argumentação, a maioria deles iria encolher os ombros e dizer "Deixe-os pagar de qualquer forma. Eles são ricos o suficiente". Eles não tem idéia de como a economia funciona, o que um sistema de incentivos significa, ou porque a bolsa de valores é mais do que um cassino de apostas. Falar a respeito de cortes de taxas em ganhos de capital somente é importante para aqueles que entendem esses conceitos, e eles já são

em sua maioria Republicanos.

Os Democratas sabem como usar um orçamento para alcançar os corações das pessoas. A derrota nas mãos dos Democratas durante as negociações de orçamento em 1998 foi algo que quebrou a espinha dos Republicanos em termos políticos e lhes custou muitos votos nas eleições para o congresso que se seguiram. Ao final de 1998, Bill Clinton era um presidente fragilizado e uma figura que causava desgosto em nível nacional. Mas sua estratégia política indo para as negociações de orçamento foi clássica: ele se posicionou como um defensor dos fracos e vulneráveis e posicionou seus oponentes como advogados dos fortes e avarentos que não se importavam com o povo.

"Nós temos um superávit orçamentário pela primeira vez em uma geração", teria tido o Presidente Clinton. "Vamos mostrar que nós nos importamos. Vamos dar um bilhão de dólares às crianças. Melhor ainda, de forma que todos possam notar nossa preocupação com os desafortunados, vamos quebrar os limites orçamentários. Vamos quebrar nossa promessa de não gastar mais do que temos. Então não vamos cortar nenhum outro programa para pagar por este. Vamos apenas adicioná-lo ao pacote de educação já existente na proposta". Sua verdadeira mensagem era essa: "Não importa quão ruim eu seja, quão embaraçosso e de mau gosto eu possa parecer a você, lembre-se disso – Eu ainda sou um Democrata que se importa. Eu sou tudo o que fica entre as crianças desamparadas e esses Republicanos mesquinhos que nem sequer sonhariam em quebrar os limites de orçamento para ajudar as crianças pequenas. Eu ainda sou a única esperança que essas crianças tem de conseguir o que elas querem". Uma estratégia vitoriosa. Mas a única forma pela qual Clinton poderia fazer a estratégia funcionar politicamente seria se os Republicanos aparecessem para executar seu papel familiar como os malvados, os avarentos que diriam: "Nós não temos dinheiro".

Obviamente, os Republicanos sabiam que não muito do dinheiro da educação alegado por Clinton iria chegar às crianças. Iria, é claro, para os cofres dos burocratas da educação; iria também para os bolsos dos professores do Sindicato, cujos membros são pagos (no atual sistema controlado pelo Sindicato) não pela qualidade de seu ensino, mas apenas por aparecerem em sala de aula. Em resumo, o plano de Clinton era dinheiro de impostos para os burocratas, tirado do bolso do povo. Mas mesmo esta frase de impacto, caso os Republicanos a tivessem usado, teria sido derrubada pela frase de impacto com a qual Clinton estava contando: "Democratas querem mais dinheiro para educação; Republicanos querem menos". E esta seria a maneira como o jogo ocorreria. Não haveria debate público. Haveria apenas essa frase de efeito nos jornais da manhã e nos noticiários da noite: "Presidente propõe mais dinheiro para educação. Republicanos pedem menos". Se os Republicanos recusassem a concordar com mais dinheiro, perderiam.

Então, o que os Republicanos fizeram? Ao menos eles aprenderam o suficiente para não dizer "Não há dinheiro". É uma péssima resposta que lhes custaria caro. O que

eles disseram foi: “Onde está o dinheiro?” – como se Clinton tivesse que reponder. Foi um aperfeiçoamento em relação ao desempenho Republicano no passado, mas o resultado foi exatamente o mesmo.

Uma resposta Clintonesca para a questão Republicana pode ser facilmente imaginada: “Estamos falando de uma proposta de quinhentos bilhões de dólares. Você quer dizer que não há nem um pouquinho para as crianças?”. Não há uma resposta vitoriosa para esta questão. Não há resposta, de forma alguma. Os Republicanos entenderam isso em poucas horas e admitiram o inevitável, assinando a proposta. Politicamente, foi um desempenho Republicano típico: eles conseguiram aparentar serem mesquinhos, estúpidos e fracos, tudo ao mesmo tempo.

O que eles poderiam ter feito para prevenir esta derrota? Eles poderiam estabelecer sua posição do lado das crianças e definido seus oponentes Democratas como inimigos das crianças. Eles poderiam ter dito: “Nós queremos 10 bilhões de dólares para as crianças, não a mixaria de 1 bilhão que você está sugerindo. Mas nós queremos em forma de bolsas de estudo para crianças de cidades do subúrbio e do interior, que vocês aprisionaram em escolas públicas perigosas e fracassadas”. Isto teria abalroado Clinton contra os sindicatos dos professores, o maior grupo de interesse do Partido Democrata, além de ser o grupo que lidera a oposição à reforma para melhoria das escolas. Isso teria posicionado os Republicanos como advogados dos oprimidos, desafortunados dentre as crianças americanas. Isto teria exposto os Democratas (cujas próprias crianças são bem ensinadas em escolas privadas) como opressores hipócritas das minorias e dos pobres.

Por que será que nenhum Republicano se lembra de informar às pessoas que os Democratas e demais esquerdistas tem controlado todos os grandes sistemas de ensino principais por mais de sessenta anos? Se existe uma crise nacional de educação, Democratas e seus esquerdistas são os responsáveis. Por que Bill Clinton, Ted Kennedy e Jesse Jackson deviam enviar seus filhos às escolas privadas enquanto previnem que pais de crianças do interior e do subúrbio tenham o mesmo privilégio de escolha? Se a condição desastrosa de nossas escolas tem prejudicado as vidas de muitos milhões de crianças pobres e oriundas de minorias, os Democratas são os responsáveis. Se educação é a escala crucial para o sucesso dos imigrantes, os Democratas tem negado a milhões de filhos de imigrantes o uso desta escada. [12]

Pela criação de um sistema paternalista que não serve aos segmentos mais pobres e necessitados da sociedade, por infligir altos impostos e regulamentos que limitam oportunidades econômicas, os Democratas e esquerdistas arruinaram as vidas das minorias e dos pobres. Os Republicanos tem uma solução. Eles tem como objetivo reviver essas oportunidades, para libertar as minorias através da escolha educacional, através de políticas que restauram os degraus inferiores para a escada do sucesso. Esta é a mensagem que os Republicanos precisam levar ao povo americano, e para as comunidades do interior. Se corajosamente defendidas e vigorosamente utilizadas, essas idéias podem guiar os Republicanos a serem uma maioria nacional.

David Horowitz

***

[1] Não sei se Horowitz estudou Dinâmica Social. É fato que o material de Kurt Lewin tenha sido absorvido especialmente e inicialmente pelos esquerdistas, e Horowitz foi um esquerdista radical no passado. Talvez tenha estudado. Independente do que ocorreu, tudo isso está 100% alinhado com a Dinâmica Social, pois é entendido o básico do ser humano: capturamos nossas impressões a partir de mensagens e estímulos de apelo emocional, pois aquilo que afeta o nosso sistema límbico profundo é o que nos fará tomar decisões. É claro que pessoas mais treinadas para o debate intelectual (e estas são raríssimas), buscam uma análise do argumento em questão para tomarem suas decisões. São exemplos nos quais o néo cortex também assume um papel, no qual o protagonista ainda é o sistema límbico profundo, para a tomada de decisão. Chegarmos a essa conclusão nos mostra que ou o nosso discurso é adaptado para atingir as massas, ou então é feita a opção pela derrota, e não há um argumento que possa ser feito contra isso.

[2] Obviamente, isso é muito efetivo. Outro ponto extremamente importante é lembrar ao povo que a redução radical de impostos não significa que as pessoas estejam desamparadas, muito pelo contrário. Grupos para ação voluntária poderiam ser estabelecidos, especialmente pelos esquerdistas. Se estes últimos se preocupam com o povo, então que façam ações voluntárias, nas quais ao mesmo tempo eles poderão dar assistência aos necessitados (assim como os adeptos da direita farão), sem inchar o estado. Ao mesmo tempo, outra capitalização poderosíssima que pode ser feita é lembrar que os esquerdistas podem ser desafiados a fazer este tipo de ação. Já falei isso no texto “Batendo onde dói: Como questionar o status social de alguns esquerdistas e como eles o utilizam para criar a ‘justiça social’”.

[3] Essa é uma outra constatação que não pode ser negada. Quando Marx criou o conceito de guerra de classes, isso se tornou tão enraizado no imaginário popular que não pode mais ser descartado. Entretanto, na guerra de classes, sempre podemos nos posicionar. Um exemplo pode ser visto na questão da causa gay, onde os gayzistas (da esquerda) dizem que estão do lado dos gays, mas os conservadores poderiam mostrar que na verdade os gayzistas estão do lado de alguns malucos que querem transformar sua opção sexual em causa política. E muitos gays não querem isso. Querem apenas viver em paz e ter seus direitos assegurados. É quando os conservadores deviam mudar o discurso e, ao invés de afirmarem que os gays são “algo anti-natural”, poderiam agir de forma compassiva com eles, mas dizer que a proibição à crítica é intolerável. Deveria ser afirmado aos gays que, assim como um heterossexual pode criticar um gay, um gay tem todo o direito de ter repulsa ao comportamento heterossexual. Neste caso, estaríamos nos posicionando a favor da liberdade de expressão tanto dos gays como dos heterossexuais. Note que neste caso, estaríamos criando novas “classes”: a do gay tradicional e do gay militante, assim

como podemos criar as “classes” do ateu tradicional e do neo ateu. Enfim, guerra de classes deve deixar de ser algo ignorado pelos conservadores, mas um método a ser considerado no debate político.

[4] Uma outra proposta igualmente fracassada pôde ser vista no ambiente político nacional, em 1989, quando Guilherme Afif Domingos (na época do Partido Liberal) apareceu com a proposta de redução dos impostos, criando uma alíquota única de 10%. Embora sem o “ar de coruja” de Steve Forbes, Afif foi facilmente rotulado como “mesquinho, ganancioso” pela esquerda e retirado do debate público. Era uma época onde ainda existiam propostas de uma direita no cenário político brasileiro, algo que está extinto atualmente.

[5] Isto também ocorreu nas eleições em que Lula, após eleito, concorreu com Geraldo Alckmin. Ocorreu também quando Dilma concorreu com José Serra. Ambos eram de uma moderação no discurso que chegava a dar pena, e não conseguiam fazer um ataque sequer ao oponente. Enquanto isso, Lula e Dilma aproveitaram para pintá-los ao público como “representantes das elites”, “opressores” e adeptos, pasme, do “fascismo”. Como se vê, Horowitz nos explica que muito do que acontece no cenário político tem a ver não com um duelo entre esquerda e direita, mas com melhores e piores usuários dos parâmetros da guerra política. E os esquerdistas (no Brasil, especialmente os mais radicais) desenvolveram essa arte primeiro. Embora tanto PSDB como PT sejam partidos de esquerda, o último domina a arte da guerra política de maneira muito, mas muito melhor.

[6] Um exemplo pôde ser visto no recente alinhamento de intelectuais de esquerda com o ditador do Irã, Mahmoud Ahmadinejad. Alinhamento este que é endossado pelo próprio PT. Entretanto, quando alguns skinheads se manifestaram a favor de Jair Bolsonaro em uma manifestação, isto foi usado pela esquerda marxista como uma evidência de que “a direita é nazista”. Detalhe: quem pede o extermínio de judeus é Ahmadinejad, muito mais que os ingênuos skinheads de periferia. Mas na guerra política, quem usa as conexões do adversário para capitalização política de forma mais eficiente, é quem ganha a batalha. E, mais uma vez, os petistas levaram vantagem. Uma lição a ser aprendida.

[7] Sim, eu já sei o que você deve estar pensando: “Foi daqui que o Luciano tirou a idéia do verbete ‘Sou liberal’, mapeado como rotina de controle de frame”. Sim, foi.

[8] Em seu livro “Bias”, Bernard Goldberg denunciou o extensivo uso do termo “ala da direita” pela mídia para se referir aos Republicanos, enquanto o termo “liberal” era usado para se referir aos Democratas. Entretanto, o que Horowitz denuncia aqui é que, mesmo que a mídia de esquerda faça isso (e isso não passa de estratégia política), alguns Republicanos também aceitam o rótulo, o que é uma ingenuidade sem igual. Se você ler os livros de Ann Coulter, normalmente uma excelente autora conservadora, bizarramente ela continua recaindo no erro político de chamar os seus oponentes de liberais, ao invés de esquerdistas.

[9] Como eu sempre afirmo, Lênin é muito mais importante do que parece para a esquerda, incluindo a esquerda norte-americana. Se vamos investigar a esquerda, é claro que temos que investigar Marx, Rousseau, Comte, etc. Mas sinto que há um "gap" e pouca investigação a respeito de Lênin. Por exemplo, Marx ainda não defendia o uso da mentira para atacar seus inimigos, mas Lênin foi o criador dessa lógica (adaptada de Maquiavel), apreendida por toda a esquerda mundial. Da minha parte, planejo ainda para este ano um estudo mais aprofundado da lógica de Lênin, seu discurso e suas orientações aos militantes, que explicam muito (mas muito mesmo) do por que os esquerdistas são tão desonestos.

[10] A lógica presente nesta constatação é a mesma que está na estratégia Guerra de Processos, mapeada neste blog. O processo tem vários efeitos, e um deles é o fato de que ao ser lançado, muitos que estão acompanhando as notícias entendem que ele já é um sintoma de que o objeto do processo é automaticamente culpado. Isso pode ser observado nos vários processos lançados contra a Igreja Católica. A maioria deles não vai dar em nada, mas a notícia mostrando "o lançamento de processos" já é um ganho político para o lado que está processando. Outro fator envolve o tempo no qual a parte processada gasta para se livrar destes processos, o que tem a ver com diminuição da habilidade de combate do oponente. Vamos a um exemplo. Em um debate público sobre a questão "homofobia", sempre que querem os esquerdistas lançam processos contra um conservador – os exemplos de Silas Malafaia são mais que evidentes. Entretanto, os próprios cristãos poderiam lançar processos de volta acusando-os de "denunciação caluniosa". Uma quantidade muito grande de processos será necessariamente noticiada pela imprensa. Um exemplo está nesta notícia que pesquei no blog do Cavaleiro do Templo: "MPF dá entrada em ação que permite a 'cura' de gays". Enfim, uma ação judicial, mesmo que não dê em nada, já teve a divulgação em termos de notícia, e serve como um estímulo ao próprio grupo. Por exemplo, hoje em dia existem ações de grupos neo ateus querendo a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas, o que poderia gerar ações judiciais em retorno dizendo que os cristãos estão sendo vítimas de preconceito religioso. O questionamento poderia ser: "Por que todos os símbolos podem, incluindo a bandeira gay, mas não os símbolos de uma religião?". Quanto mais processos, melhor. Esses processos, como já apontei, fazem com que o lado processado também gaste um tempo hercúleo tentando se livrar deles. Isto é a base do princípio 3, "Na guerra política, o agressor geralmente prevalece".

[11] A forma pela qual Horowitz trata os esquerdistas, como pessoas que ajudam a retirar oportunidades dos desafortunados com suas iniciativas burocráticas, é muito inteligente. Agora falamos do princípio 4, "Posição é definida por medo e esperança". É preciso dizer ao eleitorado que eles devem ter medo da eleição dos esquerdistas, pois a mera presença dessas pessoas no poder significa retirada de oportunidades dos pobres.

[12] É a sequência do que afirmei anteriormente. É essencial apontar os esquerdistas

como “o inimigo” das pessoas oprimidas, do cidadão comum. Um exemplo é na questão do crime. Sempre que um menor comete um crime (e já tenha sido preso por algo similar), todos os crimes posteriores deste menor são de co-responsabilidade dos esquerdistas. É por causa do apoio ao crime, pelos esquerdistas, que muitos menores estão nas ruas podendo assaltar, matar e estuprar. E as vítimas pertencem ao povo.

Outro exemplo pode ser visto nas declarações mentirosas de neo ateus dizendo que “os ateus são mais inteligentes”, como se vê abaixo:

Eu não concordo com toda a resposta de Leonardo Bruno, pois o problema não está na ciência, mas no uso DETURPADO que neo ateus fazem da ciência. Mas ele está correto em denunciar os neo ateus como perigosos com suas idéias eugenistas, e a criação de memes de Internet usando essas citações dos neo ateus podem ter um efeito político que beneficie os religiosos. É só saber aproveitar.

# IV – O QUE FAZER

Que passos devem ser dados para remodelar o Partido Republicano como uma potencial maioria eleitoral americana?

O primeiro seria parar de ficar reclamando que a vida é injusta. A mídia é escandalosamente tendenciosa contra os conservadores. Noventa por cento dos executivos da imprensa de Washington votaram em Clinton e sempre mostram como são capazes de distorcer as notícias em qualquer publicação para favorecê-lo. Os Republicanos precisam entender que essa é a realidade. Eles têm que parar de choramingar a respeito e, em seguida, direcionar suas mentes para a construção de estratégias políticas que estejam baseadas na realidade.

Se a mídia está contra você, você tem que superá-los e endereçar a comunicação diretamente ao povo americano [1]. Isso significa que cada grande iniciativa política deve ser acompanhada por uma campanha de mídia baseada em anúncios televisivos de trinta segundos. Estes podem ser pagos por grupos com ou sem fins lucrativos, mas são absolutamente necessários para criar uma base de opinião pública para as iniciativas das propostas conservadoras. Esta é a única maneira pela qual o campo será retomado pelos conservadores.

A proposta de Clinton para um plano de saúde nacional não foi derrotada pelos líderes Republicanos, mas por uma campanha de propaganda televisiva de 35 milhões de dólares na qual “Harry e Louise” explicavam para os americanos que os Clintons estavam querendo lhes retirar o médico da família. Esta foi uma demonstração exemplar de como as visões dos Republicanos podem alcançar o povo americano mesmo passando por cima da massificação engendrada pela mídia de esquerda. A idéia fracassada dos orfanatos de Newt Gingrich poderia ter sido ajudada (embora não muito) pela mudança da palavra “orfanato” para “centro de cuidados dos jovens”, como alguns sugeriram. Apenas uma campanha de cinquenta milhões de dólares na televisão explicando o quão iluminada e progressiva pode ser uma abordagem “Boys Town” causaria o efeito necessário.

Na política, temos que considerar os alvos como se fossem móveis. Você não pode lutar as guerras do ano passado e esperar vencer as guerras atuais – a não ser que seu oponente esteja adormecido ao leme. Ao remodelarem sua agenda incluindo nela dinamismo econômico, livre comércio, orçamentos equilibrados, reforma da previdência, atitudes duras contra o crime, e ainda mantendo suas preocupações que já trazem a assinatura Democrática com mulheres, crianças, minorias, os trabalhadores americanos, e os pobres, os Democratas de Clinton fizeram a festa e tornaram-se um adversário muito mais difícil. Qual deveria ser a resposta Republicana?

Atualmente, os Republicanos estão identificados com alíquota única, oposição aos

aumentos no salário mínimo, oposição a mais dinheiro para educação, oposição a mais dinheiro para a saúde e pesquisas científicas. Se isto é combinado com uma oposição ao aborto, intolerância percebida com a minoria homossexual e uma fervorosa promoção da religião organizada, o perfil resultante dificilmente será a plataforma de um moderno partido da maioria. Tal partido não pode mais sequer vencer uma candidatura ao governo em um estado do Cinturão Bíblico como a Carolina do Sul! E tal partido perde o cargo de governador por vinte pontos em um estado no qual teria obrigação de vencer, como é o caso da Califórnia. Para vencer agora, os candidatos Republicanos devem fugir desta imagem criada em seu partido, assim como Democratas (até as "triangulações" de Clinton) fizeram. O Partido Republicano pode remodelar a si próprio como um partido da maioria focando nas seguintes cinco agendas:

I – Prevenção militar

Se a administração Clinton foi capaz de demonstrar algo, é que aos Democratas não pode ser confiada a segurança nacional. A evisceração do orçamento da defesa pelo governo, além de sua incapacidade para concluir uma defesa antimísseis, a erosão da credibilidade militar dos EUA, a dependência diplomática em relação a ONU e a OTAN, o multilateralismo, o acordo sobre o controle de armas, e outras fracassadas panacéias da esquerda são reflexos de um pensamento político praticamente incurável [2]. Junte a isso tudo a solicitação de fundos ilegais da China comunista para campanhas Democratas, com enormes falhas de segurança permitidas pela administração Clinton, e ainda por cima com a transferência irresponsável de tecnologia a potenciais inimigos militares, particularmente a China.

Estes fatores fazem que segurança e defesa sejam uma óbvia questão central de uma campanha Republicana nacional. O mundo é um lugar mais perigoso, apesar e por causa das implementações de Clinton devastando as forças militares norte-americanas (as implementações de Clinton são quatro vezes maiores que as implementações combinadas dos últimos cinquenta anos, que incluíram a Guerra Fria). Como a presidência de Clinton nos demonstrou amplamente, os Democratas não tem o realismo focado necessário para lidar com ameaças à segurança nacional. Isso faz com que uma Casa Branca Republicana seja um imperativo nacional.

Mas lembre-se: você precisa de uma campanha de televisão de 50 milhões de dólares para transformar em realidade para os eleitores que o que é real na vida: crianças norte-americanas irão morrer e nossa civilização estará em jogo, se não melhorarmos o nosso aspecto militar, desenvolvermos uma defesa antimísseis, e defendermos agressivamente nossos interesses de segurança

II – Dando às minorias um direito de participar do sonho americano

Paternalismo de bem estar social, regulações, impostos e cotas, excessivo crime urbano, menores expectativas de desempenho, além de burocracias escolares que

chegam a causar metástase no ensino estão oprimindo pessoas pobres, minorias, e crianças, eliminando todas suas oportunidades. As políticas e princípios dos Republicanos – menores impostos, padrões únicos, escolha escolar, ruas seguras, e responsabilidade individual fornecem os degraus necessários na escada do sucesso. Ao capacitarmos as minorias, pessoas pobres e trabalhadores americanos colocando o dinheiro da educação diretamente em suas mãos, seja através de bolsas de estudo ou vouchers escolares, este é o passo mais importante e significativo que os Republicanos podem dar para libertar o povo das correntes que os esquerdistas lhes colocaram. [3]

III – Prestação de contas e estabelecimento de padrões para os gastos do governo

Os Republicanos não são contra mais dinheiro para escolas. Eles são a favor de mais dinheiro para escolas e contra desperdiçar dinheiro nelas. Eles querem o dinheiro indo para a educação de crianças e não para que esta educação seja substituída por sistemas escolares fracassados, e muito menos que esse dinheiro sirva para forrar os bolsos de burocratas da educação. Se os Democratas propõem 100 bilhões de dólares para gastos escolares, os Republicanos deviam propor 150 bilhões de dólares – mas apenas para escolas que implementem um teste padronizado de professor (com a penalidade para não aprovação sendo a demissão), que exijam um aumento anual em testes de desempenho dos estudantes, que eliminem programas bilíngues que só fracassam na preparação de estudantes na língua inglesa, que ensinem fonética baseada em leitura, que não ensinem “nova matemática” e que exijam a expulsão de alunos indisciplinados.

Esta é a maneira de definir a agenda educacional Republicana (Clinton jamais poderia assinar tal proposta) [4]. Com isso, os Republicanos terão compreendido tanto o lado do senso comum como da compaixão envolvendo a questão.

IV – Crime

Esta é uma questão onde os esquerdistas não podem controlar a exposição da mídia, pois as estações locais devem reportar o crime para manter seus índices de audiência.

Na California, a esquerda lançou uma campanha contra a lei dos três crimes [5], pois o terceiro crime que levaria o criminoso a uma prisão perpétua poderia ser não violento [6]. Onde está o Partido Republicano? Por que não está alardeando que os americanos tem o direito de dizer que um criminoso violento está sob observação: se ele já cometeu um crime violento, outro crime violento vai mantê-lo fora de nossas ruas por toda a vida. Os Republicanos deviam estabelecer essas iniciativas eleitorais por todo o país, incluindo uma lei de dois crimes, caso ambos os crimes sejam violentos.

Criminosos que utilizam uma arma para cometer um crime deveriam automaticamente ter 10 anos adicionados a sua sentença. “Tempo difícil para o crime

armado” [7]. Os Republicanos deviam apoiar os programas de exílio apoiados pela NRA para remover criminosos armados de comunidades obedientes a lei. A proteção de cidadãos que cumprem a lei contra ameaças de segurança em sua casa e ao redor é simplesmente a principal responsabilidade do governo.

V- Responsabilidade individual

Responsabilidade individual significa que indivíduos devem conseguir empregos e posições educacionais baseados no mérito, não por causa de raça ou gênero. É o princípio básico americano de não-discriminação e justiça para todos.

O Partido Democrata dá suporte a preferências raciais, assim como à política de segregacionistas anteriores ao Ato dos Direitos Civis. É tempo de colocar abaixo a discriminação estabelecida pelo governo de uma vez por todas; é tempo de restaurar um padrão único para todos os americanos. Este é o princípio mais básico de uma cultura cívica multi-étnica.

O PARTIDO REPUBLICANO pode ser um partido da maioria, mas apenas se respeitar o senso comum do povo americano, se recuperar o otimismo de Reagan (“é manhã na América”), diversificar os rostos apresentados ao público eleitor, lembrar que a questão não envolve simplesmente o quanto você gasta mas sim como você gasta em atividades decisivas em relação ao voto, e jamais esquecer que o eleitorado americano é muito grande e (no que diz respeito à política) muito ruim ao escutar. Acima de tudo, os Republicanos precisam se lembrar de sua herança como o partido de Lincoln, do princípio, dos oprimidos, o partido do Sonho Americano.

David Horowitz

***

[1] Se há um cenário no qual as coisas estão melhores do que na época em que “A Arte da Guerra Política” foi escrito, este é o cenário da mídia alternativa, através da qual grupos conservadores tem feito sua voz ser ouvida – muito do sucesso do Tea Party se deve também à essa mídia alternativa.

[2] Há alguns tempos em mapeei a estratégia de esquerda “Ambição Global”. Isso significa que um esquerdista dificilmente pensa na proteção de seu país, mas na ampliação dos horizontes até a criação do que ele define por governo global. Naturalmente, essa preocupação está mais nos progressistas do que nos marxistas, mas toda a agenda humanista é baseada na busca do governo planetário, como já evidenciei aqui. Tecnicamente, por ser beneficiário, eu não vejo que Clinton acredite nessa besteira, e nem mesmo Obama. Mas eles precisam dar respostas aos seus funcionais, que constituem a base de seu eleitorado, e estem acreditam piamente em um governo global. Isso torna os Democratas incapazes de pensarem em termos de segurança nacional, pois, para que segurança nacional em um mundo global onde

“todos são irmãos”? Mas, em termos de guerra política, muitas vezes os próprios Democratas se superam. Por exemplo, a recente morte de Osama Bin Laden, em 2011, por uma força militar norte-americana foi uma ação tipicamente Republicana, não Democrata, mas foi encabeçada por um presidente Democrata. Como isso pode ocorrer? Simplesmente, Obama agiu contra seu coração (e seu partido), mas a favor de uma tentativa de reeleição.

[3] A abordagem de Horowitz aqui é impecável. Ele simplesmente pega o uso da expressão “libertar”, usada pelos esquerdistas (que se auto-denominam “liberais”), e usa contra eles, definindo a ação que apoia como algo que vai “libertar o povo das correntes que os esquerdistas lhes colocaram”. Só posso dizer: aprendam com o Horowitz.

[4] Esta seria uma jogada de mestre, pois os Democratas são reféns do Sindicato dos Professores, que por causa deste alinhamento, garantem muita doutrinação escolar em doutrinas esquerdistas. A proposta Republicana iria atacar o núcleo da força dos Democratas, e obviamente estes não poderiam recuar. Aliás, creio que vocês já notaram que algo semelhante ocorre no Brasil, certo? Temos todos os componentes aqui: sindicatos alinhados ao governo, escolas em “quantidade” mas nenhuma qualidade, doutrinação escolar em esquerdismo, etc.

[5] Como sempre, é claro, esquerdistas odeiam leis como essa. Um site de juristas do Brasil, neste caso contaminado pela mente esquerdista, publicou o seguinte texto: “Por todo o exposto, sem ter a menor pretensão de se esgotar o tema, entende-se que as leis denominadas “Three Strikes Laws” apresentam inúmeras desvantagens, tais como: 1) condenação de réus que cometeram crimes não violentos por períodos, muitas vezes, superior aos de réus que cometeram crimes violentos; 2) aumento explosivo da população carcerária e, conseqüentemente, do custo de manutenção dos presos; 3) incentivo ao uso da violência na prática da terceira infração penal, uma vez que ela será praticamente irrelevante no cálculo da pena, ao se considerar que a terceira condenação do réu garante a prisão perpétua, seja pela prática de invasão de domicílio ou homicídio; 4) violação dos direitos humanos, em especial, dos princípios da vedação das penas cruéis, individualização da pena e dignidade da pessoa humana; e 5) não há comprovação estatística de que as “Three Strikes Laws”causam, de fato, a redução da criminalidade e da reincidência.”

Todos os pontos, de 1 a 5, são facilmente refutáveis. Vamos lá: (1) A “Three Strikes Law” é baseada em três crimes sérios (e a maioria destes são crimes violentos), portanto a idéia de que “réus que cometeram crimes não violentos” podem ter pena superior ao de “réus que cometeram crimes violentos” é uma bobagem sem fim. O que importa, no caso, é se são 3 crimes sérios ou não. (2) O aumento explosivo da população carcerária é irrelevante, pois a pessoa que ficar presa pela “Three Strikes Law”, poderia ir presa 1, 2 ou até mais anos depois por mais crimes, ou seja, isso não causaria aumento significativo de presidiários, apenas retardaria um pouco mais a presença do bandido violento por lá, dando o direito dele cometer mais crimes

violentos. (3) Aqui o sujeito diz que haveria um “incentivo” ao uso da violência na prática da terceira infração, mas a idéia é justamente a oposta. É estabelecer uma punição forte para que isso evite a prática da terceira infração. De onde o esquerdista tirou essa idéia eu não sei. (4) Se há “violação dos direitos humanos” no caso de mandar um criminoso que cometeu três crimes sérios para pena perpétua, há muito mais violação em manter um criminoso violento nas ruas matando pessoas inocentes. Como sempre, para esquerdistas, Direitos Humanos só para bandidos. (5) É dito que “não há comprovação estatística de [...] redução da criminalidade e da reincidência”. Bem, é tecnicamente impossível que alguém encarcerado por toda a vida consiga cometer um novo crime, a não ser que fuja da prisão. Como se nota, lógica não é o forte da esquerda.

O que importa (e o motivo pelo qual eu quis citar este texto aqui) é mostrar que esquerdista é igual em todo lugar, seja na China, na Tunísia, no Brasil ou nos Estados Unidos.

[6] Ué, mesmo que o terceiro crime não fosse violento, ainda poderia ser um crime grave. A justificativa esquerdista para ser contra essa lei é bem ruinzinha.

[7] A tradução não ficou essas maravilhas, mas foi o melhor que deu para fazer. No original é “Hard time for armed crime”.

# V – OBSERVAÇÕES

Eu comecei este ensaio para resolver um quebra-cabeças: como os Democratas conseguem fazer uma campanha com base em programas e idéias Republicanos – orçamento controlado, reforma da previdência, atitudes hostis contra o crime e valores familiares – e vencer, enquanto os Republicanos que tem promovido estes mesmos princípios por décadas – não apenas durante o período eleitoral – perdem? Como uma "questão social" como a educação se transforma em uma questão Democrata? Se esquerdistas e Democratas são responsáveis pela crise na educação, como é eles alegam que a questão educacional é de sua responsabilidade enquanto os Republicanos não podem fazê-lo? Minha resposta é que os Republicanos não entendem (ao contrário dos Democratas) que política é guerra conduzida por outros meios; que é uma guerra de posição; e que você só pode vencer se associar suas agendas diretamente aos interesses das mulheres, crianças, minorias, trabalhadores americanos e os pobres. Em uma democracia a posição em que você deve buscar permanecer é do lado dos oprimidos, que é a posição com a qual a maioria dos americanos se identifica (não importa se eles são oprimidos de fato ou não).

Eu defini seis princípios como guias para a batalha política. O princípio fundamental é este: As pessoas não vão se importar com o que você tem a dizer a não ser que elas acreditem que você se preocupa com elas. A arte da política é persuadir as pessoas que não te conhecem, e que você jamais vai conehcer a não ser por símbolos e frases de efeito, que você se importa com elas. Os Republicanos não prestam atenção suficiente a esta simples verdade.

Alguns anos atrás Ronald Reagan estava em um encontro entre Democratas e Republicanos. Durante os procedimentos, houve uma pausa na qual ambos os lados ficaram aguardando, com blocos de notas defronte a eles enquanto esperavam para que as negociações retomassem. Depois, um repórter coletou os blocos e descobriu que os Republicanos tinham desenhado figuras geométricas enquanto os Democratas desenharam animais e rostos de pessoas. Apenas um Republicano desenhou um rosto – Ronald Reagan.

Na guerra política, as armas são palavras e símbolos pois não há tempo para alcançar o eleitorado com argumentos longos – ou mesmo curtos. Nessas circunstâncias um slogan, um símbolo ou um gesto é tudo o que você tem mãos. Um bom exemplo do quão efetivo um símbolo pode ser é a vitória de John F. Kennedy em 1960 devido ao voto negro. Ele conseguiu esse feito com uma única chamada telefônica para Martin Luther King na prisão.

Até aquele momento, os negros suspeitavam do Partido Democrata pois este havia sido o partido dos segregacionistas [1]. Kennedy mudou tudo isso com uma chamada telefônica. Ele não teve que lançar uma proposta política ou um panfleto se posicionando a respeito de questões raciais. Poucas pessoas teriam lido se ele fizesse

isso. Poucas pessoas teriam ouvido qualquer discurso que ele tivesse dado. A imagem foi tudo. Ele não teve que decidir questões complexas a respeito de segregação, ou a respeito de direitos estaduais, ou mesmo sobre responsabilidades individuais. Ele simplesmente fez uma chamada telefônica.

Recentemente, alguns intelectuais negros e figuras políticas comentaram por que 90% dos negros apoiam Bill Clinton e por que muitos até o consideram “o primeiro presidente negro”. Mesmo que os comentaristas fossem pessoas experientes, suas razões não tinham nada a ver com propostas políticas que ele defendeu, pois muitas destas mesmas pessoas visualizavam as mesmas propostas (como a reforma da previdência) como se fossem hostis aos negros. As razões que eles deram para considerar Clinton um amigo, e mesmo “um deles”, foi que ele toca saxofone, deu vários cargos a negros, aparece em igrejas negras, tem amigos negros como Vernon Jordan, e normalmente parece confortável ao redor de negros. Estes são todos símbolos relacionados a Bill Clinton. Eles transmitem uma única mensagem: ele compartilha algo conosco; ele simpatiza conosco; ele se importa conosco. Esta mensagem triunfa sobre qualquer proposta política que ele tenha defendido ou qualquer programa que ele tenha iniciado.

Há outra razão pela qual Clinton tem tamanha vantagem quanto ao eleitorado negro, e ele não possui vantagem em relação a quase nada mais: os negros percebem os Republicanos não apenas como alienígenas em relação a eles, mas ativamente hostis. Se os Republicanos não são na verdade racistas, eles serão associados com racistas, como é alegado que Bob Barr e Trent Lott supostamente sejam. Além disso, os Republicanos parecem não se importar. Um Republicano negro muito proeminente reclamou ao Presidente do Comitê Nacional Republicano Jim Nicholson que nenhum membro Republicano do congresso compareceu ao funeral do secretário Ron Brown. Como podem os Republicanos não terem pago tributo ao primeiro secretário negro do comércio?

Não foram as propostas políticas de Ron Brown que fizeram os Republicanos negligenciarem seu funeral. Afinal, haviam legisladores Republicanos no funeral do congressista George Brown. E Brown era praticamente um comunista. A respeito de suas intenções declaradas de inclusão de negros, os Republicanos não praticam atitudes necessárias para recrutá-los, e demonstrar que eles se importam. Como resultado, apesar de propostas políticas Republicanas como redução de impostos e escolha escolar serem benéficas aos negros, a comunidade negra não está ouvindo. A falha de alguns Republicanos em alcançar os Afro-Americanos é uma atitude defensiva causada pelos ataques da esquerda, mas isto não deveria ser usado como uma desculpa para o que é uma séria falha Republicana. Os Republicanos não são mais racistas do que os Democratas. Mas os Republicanos não fazem esforço algum para mostrar que eles não são. Com poucas exceções – Jack Kemp, J. C. Watts, e George W. e Jeb Bush, por exemplo – eles não fazem praticamente esforço algum para mostrar que se importam com o que acontece com pessoas que vivem em nossas cidades do interior e no subúrbio, sofrendo os efeitos de viver nesses locais.

Os Republicanos têm nomeado negros para cargos importantes. Mas ao contrário dos Democratas, essas nomeações são sempre discretas. Pete Wilson nomeou uma ex-mãe de bem-estar negra para liderar seu departamento de previdência e presidi-lo durante suas refrormas. Eloise Anderson é uma das mais informadas e bem sucedidas especialistas em política pública a respeito de questões da previdência, uma conservadora firme além de uma Republicana que ajudou nas forças-tarefa de bem social do Governador Tommy Thompson e de Newt Gingrich. Pense o quão poderosa a voz de Eloise Anderson seria nas questões de propostas políticas sociais que são chave para os Republicanos ganharem a confiaça das minorias e pessoas pobres na California. Mas poucos Californianos sequer ouviram falar de Eloise Anderson, inlcuindo Republicanos. Pete Wilson, cujos instintos políticos são normalmente aguçados, a manteve praticamente como um segredo virtual. Ele não forneceu a ela uma plataforma pública para realizar anúncios importantes publicamente, ou mostrá-la na televisão em eventos estaduais. Se uma figura política não está na televisão realizando importantes anúncios a respeito de propostas políticas, ela não existe.

Um gesto em direção aos afro-americanos afeta mais que o eleitorado afro-americano. Afeta todos que se consideram perseguidos, desfavorecidos, “sub-representados” ou “oprimidos”. Isso afeta a todos.

Os principios que eu delineei fornecem um guia para que os Republicanos evitem os erros do passado e passem a posicionar a causa conservadora como aquela que irá libertar os pobres e minorias da opressão do esquerdismo e do estado de bem-estar social. Uma palavra resta a ser dita a respeito da relação entre os princípios e as táticas políticas. Sendo que a política é a arte da prática, a relação entre esta e a teoria é uma relação sempre complicada e facilmente mal interpretada.

David Horowitz

***

[1] Aliás, é sempre bom lembrar que Abraham Lincoln foi o primeiro presidente Republicano, e quando se fala em conservadorismo, especialmente no caso americano, é pela conservação dos princípios defendidos pelos Pais Fundadores. Outro fator curioso é que Lincoln foi criticado pelos Republicanos Radicais por sua lentidão no processo de abolição da escravidão. Um dado que seria o suficiente para tirar toda a autoridade moral dos Democratas ao se definirem com os “representantes” dos negros.

# VI – POLÍTICA E PRINCÍPIOS

Nada de novos impostos

Para deixar meu ponto claro, vou formulá-lo de forma tão provocativa quanto possível. A pedra angular da eleição de George Bush em 1988 foi seu desafio aos eleitores com a expressão "leia meus lábios: nada de novos impostos". O que fez George Bush perder a eleição de 1992 foi o acordo que ele fez dois anos antes com os Democratas do congresso para elevar os impostos. Os críticos conservadores de Bush dizem que ele perdeu por não ter princípios. Aqui está minha formulação contrária: de um ponto de vista conservador, o arrocho fiscal foi moralmente são, mas politicamente estúpido [1].

Para entender este paradoxo, precisamos retornar ao contexto no qual Bush assinou o acordo com o qual quebrou seu compromisso eleitoral. Nesse período, os Democratas eram maioria no Congresso e com isso controlavam tanto o processo de apropriação como a habilidade de permitir que os Estados Unidos fossem à guerra. O ditador do Iraque, Saddam Hussein, havia invadido e conquistado o Kuwait e seus exércitos estavam posicionados nas fronteiras de uma Arábia Saudita rica em petróleo e relativamente indefesa. Como um agressor impune com o tesouro público de ter colocado o Kuwait em seus bolsos, Saddam apareceu como uma ameaça iminente ao fornecimento de petróleo para Europa e Asia. Uma guerra do Oriente Médio com Israel, possivelmente envolvendo armas nucleares, era um prospecto real [2].

Neste contexto, o Presidente Bush decidiu que o interesse nacional exigia que ele neutralizasse o agressor, pela força, se necessário. O Partido Democrata se opôs ao uso da força e insistiu em apaziguamento mesmo quando as negociações se tornaram uma charada óbvia. Como Comandante Chefe das Forças Armadas responsável pela segurança da América, Bush decidiu que ele não poderia entrar em duas guerras ao mesmo tempo – uma contra Saddam Hussein no exterior, e outra contra os Democratas em casa. Ele precisava de verbas para a guerra, sabendo que os Democratas não iriam cortar gastos domésticos para custeá-la. Ele precisava de apoio político Democrata para obter autorização para a implementação em si.

Este foi o dilema que George Bush encontrou quando aceitou um acordo com os Democratas para aumentar os impostos de forma a garantir o orçamento. Isto lhe deu os fundos que necessitava para realizar a guerra e o apoio de Democratas em quantidade suficiente para autorizar a proposta política. Mesmo com essa concessão, entretanto, Bush apenas teve autorização para ir a guerra por um triz. Apenas seis senadores Democratas votaram para autorizar o envio de tropas para a Tempestade no Deserto. O votação final foi 52 a 47. Se três Democratas tivessem alterado seu voto, a autorização falharia.

Os conservadores são contra aumentar impostos, mas eles também querem proteger

os Estados Unidos e as nações livres do mundo de predadores tirânicos como Saddam Hussein. Conservadores são também realistas (ou deveriam ser). Na crise que levou à Guerra do Golfo, os Democratas tinham poder suficiente no Congresso para sabotar a iniciativa de guerra. Da forma como a batalha política estava configurada, Bush não tinha poder para manter os Democratas sob controle. Valeu a pena aumentar os impostos para vencer Saddam Hussein? Esta era a questão com que George Bush se defrontou. Sua resposta foi sim. Dado o balanço das forças políticas naquele momento, que conservador poderia culpá-lo por sua decisão?

Mas ao tomar o curso moral correto, Bush cometeu um erro de cálculo político fatal para sua carreira. Ele confiou que os Democratas seriam homens honrados que não iriam usar sua boa fé e um acordo que eles próprios propuseram para destruir sua carreira política. Seu cálculo foi equivocado. Uma vez que a Guerra do Golfo estava terminada (e ganha), os Democratas passaram ao ataque contra o ex-aliado. Eles ignoraram sua própria autoria da proposta de aumento de impostos e a utilizaram como arma para destruir George Bush e eleger Bill Clinton. O fato de que Bush fez a promessa "nada de novos impostos" como a peça central de sua campanha eleitoral de 1998 foi o suficiente para selar seu destino.

Os erros que Bush cometeu foram completamente políticos. Ele pensou que estava lidando com pessoas preocupadas com o interesse nacional da America e para os quais o partidarismo seria deixado de lado em um momento tão delicado. Ele não imaginou o quão longe o Partido Democrata tinha oscilado à esquerda e o quão traiçoeira sua liderança congressista tinha se tornado nos anos que se seguiram à guerra do Vietnã [3]. Ele não imaginou o perigo político que corria quando assinou um acordo que ele considerou necessário para parar Saddam Hussein.

Haviam outras ações para possivelmente remediar a situação e que estavam disponíveis a George Bush, caso ele tivesse os instintos políticos para buscá-las. Ele poderia ter rejeitado o acordo com os Democratas e travado uma guerra de relações públicas contra a proposta política de apaziguamento da parte deles [4]. Ele poderia ter tentado envergonha os Democratas perante o povo americano, forçando-os a dar apoio ao esforço de guerra sob os termos de Bush, cortando o gasto doméstico. Esta seria uma missão difícil e arriscada. Se tivesse obtido sucesso, Bush poderia ter ganho a eleição de 1992. Entretanto, não era parte do perfil político de George Bush conduzir uma guerra política agressiva deste tipo.

Mesmo após a Tempestade no Deserto, com a vitória fresca na mente dos americanos, ele poderia ter salvo sua presidência através da condução de uma campanha eleitoral que punisse os Democratas por seu apaziguamento e explicado as razões pelas quais ele assinou o acordo. Ele poderia ter travado uma guerra política contra a maioria dos Democratas que se opuseram à Guerra do Golfo, forçando-o a aceitar o compromisso de orçamento. Ele poderia ter feito uma campanha relacionada ao tema de que ao Partido Democrata não pode ser confiada a segurança nacional (embora, para ser justo, tanto Clinton como Gore deram apoio à guerra).

Talvez este tipo de campanha teria salvo sua presidência. Mas, como um homem gentil e político moderado, George Bush escolheu não tomar este caminho. Foi com sua incapacidade de atacar seus inimigos políticos em casa e fazê-los pagar pela proposta de apaziguamento (não apenas do Iraque, mas da União Soviética antes disso) que finalmente George Bush afundou nas pesquisas. Ele foi um fracasso político, não moral.

Nós começamos toda essa discussão com uma questão: Por que os Republicanos perdem quando eles tem uma mão vencedora? Este próximo caso mostra como a política pode superar princípios em eleições locais.

Os perigos do purismo

A Assembléia Distrital 41 California se estende do lado esquerdista a oeste de Los Angeles até os municípios mais conservadores de San Fernando Alley. Atualmente, o censo mostra que 49% são Democratas e 33% Republicanos, enquanto 13% não informaram sua afiliação. Em 1996, este eleitorado votou 55% a 45% a favor de encerrar preferências raciais, 70% a 30% a favor da iniciativa dos três crimes, 54% a 47% para combater a imigração ilegal, e 59% a 41% contra o aumento de impostos sobre eleitores de maior renda. Mas em 1998 o mesmo eleitorado votou 55% a 38% para eleger Sheila Kuehl, uma ativista gay de esquerda e uma forte oponente de todas as questões acima.

Como isto pôde acontecer? É a política, estúpido. [5]

Kuehl é uma ex-atriz infantil que fez o papel de Zelda no show televisivo Dobie Gillis. Ela ganhou por ter feito uma campanha escorregadia, apresentando a si própria (e com sucesso) como uma "Democrata sensível", responsável e moderada, enquanto seu oponente Republicano falhou ao defini-la como a esquerdista que de fato era. Pior, ela conseguiu projetar em si mesma a imagem de preocupada e tolerante para uma comunidade que também votou 55% a 45% pelo aumento do salário mínimo, 64% a 36% pela legalização da maconha para tratamentos medicinais, e 67% a 33% por impostos sobre cigarros cujo retorno financeiro iniciaria programas para crianças pré-escolares. Seu oponente era um candidato Republicano razoavelmente típico, um homem de negócios honesto e conservador engomado. Mas a imagem que ele projetou aos eleitores foi a de um contador responsável – fiscalmente prudente, socialmente rígido – um Republicano sem um coração. Esta imagem o derrotou.

Os eleitores na Assembléia Distrital 41 não compartilhavam todos os valores sociais conservadores, mas muito menos compartilhavam com todos os valores "liberais" de Sheila. De fato, em ao menos três questões divisórias e definidoras – preferências raciais, imigração ilegal e impostos com base em guerra de classes – eles se opuseram fortemente as visões de Kuehl. Ainda assim, ela ganhou por estrondosa maioria. O resultado enviou Sheila Kuehl para Sacramento, onde ela trabalhou para minar a

Iniciativa Californiana de Direitos Civis e a lei anti-imigração, além de aumentar impostos. Sheila Kuehl sabia como conduzir a batalha política; seu adversário Republicano não. [6]

Política tem a ver com ganhar eleições e implementar programas. Sendo que não há uma maioria na America que concorda em todas as questões importantes, a política se baseia em formar coalisões e trabalhá-las de forma unificada. Política também tem a ver com conseguir que pessoas discordantes entre si formem uma aliança. Em resumo, política tem a ver com acordos. Isto não significa que também não tem a ver com princípios. De acordo com os princípios, você cria sua facção na coalisão e define como você consegue qualquer coisa assim que chegar ao cargo. Se você não está disposto a permanecer firme aos seus princípios básicos, você perderá sua base e eventualmente perderá a causa também. A arte da política envolve saber como você tem seus princípios implementados sem os comprometê-los em demasia.

Os Republicanos conservadores normalmente condenam acordos sem fazer distinções, mas seu herói, Ronald Reagan, foi um famoso homem de acordos. Através de sua administração ele permitiu déficits que nenhum conservador poderia justificar em boa consciência. Ele fez isso pois suas escolhas eram limitadas por realidades políticas. Os gastadores Democratas controlavam o Congresso e manipulavam o bolso do governo. Eles se opuseram a aumentos no orçamento militar e foram inclinados a sujeitarem-se aos comunistas durante a perigosa Guerra Fria. Ronald Reagan era um político visionário. Ele queria derrotar o "império do mal" e libertar a economia das garras do estado inchado. Mas que o tornou o presidente de maior sucesso nos últimos quarenta anos foi que ele focou no que era importante para ele e não deixou que os puristas o dissuadissem de sua missão.

As prioridades de Reagan foram cortes de impostos e a vitória na Guerra Fria. Ele permitiu aos Democratas que estabelecessem seus programas de gastos para fazê-los aceitar um acordo de uma redução radical nas taxas de impostos marginais e um aumento dramático no orçamento militar. Ele deu uma negativa (déficits) e obteve duas positivas (prosperidade e paz). Ele fez acordo em relação aos princípios, mas para um bem maior. [7]

O problema do purismo político está sempre conosco. A razão para isto é que muitas pessoas confundem política com religião. Política é a arte do possível; religião é a busca de um ideal. Religião tem a ver com ir para o céu; política tem a ver com obter o cargo. Em assuntos religiosos, integridade de princípios não é apenas uma vantagem, mas a meta em si própria [8]. A religião não luta por obter redução de impostos ou construir escolas; tem a ver com salvar almas. Ser virtuoso e íntegro, mantendo seus princípios inatacáveis, são a essência do pensamento religioso. Você não pode fazer acordos com o Demônio e esperar ir par ao céu. Na política, por sua vez, pactos com o Demônio são feitos o tempo todo. Isto pode até mesmo ser considerado como um desenvolvimento saudável. O século vinte ficou repleto de corpos de pessoas que ficaram no caminho de fanáticos intransigentes – Hitler, Lenin,

Pol Pot – que pensavam estar em uma missão religiosa de redenção social [9]. Os lugares adequados para tornar as pessoas morais e boas são as igrejas, sinagogas e mesquitas, não salas de audiência congressistas.

Muitos conservadores não querem encarar os problemas do mundo real que suas atitudes puristas criam. Eles querem o melhor dos dois mundos. Eles pensam que sendo conservadores moralmente corretos vencerão. De fato, eles pensam que essa é a única maneira pela qual os Republicanos podem vencer. O problema Republicano, eles dizem, é "a falta de uma espinha dorsal", no que eles querem dizer que às vezes eles falham ao ficarem aderentes aos princípios conservadores. Timidez política certamente é um problema Republicano, e ficar na defensiva geralmente significa perder a guerra política. Mas será que esta atitude defensiva é o resultado de uma falta de princípios, ou é uma falta de confiança ao encarar o inimigo? Em minha visão, os Republicanos são ofuscados não por que lhes falta princípios, mas por que eles estão convencidos que o poder de fogo da esquerda é superior ao deles.

Esta ofuscação não vem do tipo de propostas políticas de coração mole associadas com os moderados que uma vez lideraram o Partido Republicano. Hoje em dia o Partido Republicano está distante do partido de Nelson Rockefeller ou mesmo Bob Michel. Se os atuais Republicanos da casa fossem basicamente covardes, não teria existido o "Contrato com a America" [10]. Os Republicanos ficaram traumatizados após o naufrágio de 1995, quando foram manobrados pela Casa Branca. Apenas dois anos depois, entretanto, eles demonstraram que podiam continuar apegados aos princípios quando tentaram fazer o impeachment do presidente, mesmo que as pesquisas estivessem contra eles e como consequência eles falharam em seu intento.

Os Republicanos da Casa ignoraram as pesquisas que davam 70% de apoio a Clinton pois estavam comprometidos a defender o processo constitutional. Só que dificilmente eles poderiam ignorar que Clinton sobreviveu seu plano. Clinton foi capaz de sobreviver um ano em que nenhum outro político sobreviveria por causa de sua maestria no combate político. Após contemplarem a personificação da prova de balas de Clinton, isso naturalmente tornou os Republicanos precavidos. O problema dos Republicanos é que eles são psicologicamente batidos com antecedência por um oponente que sabe como lutar melhor. Isto não tem nada a ver com os Republicanos serem adeptos de conchavos ou covardes. Os mesmos homens que lideraram a Revolução Republicana de Gingrich e venceram essas famosas vitórias são os homens que ordenaram a retirada.

Olhe para Clinton e pergunte a você próprio: Como ele faz isso? Como ele comete adultério na Casa Branca, pratica perjúrio diante de um grande júri, mente ao povo americano, e ainda prevalece em um combate político ao mesmo tempo?

A resposta está nas crianças. A resposta está nos negros. A resposta está nos pobres. Tudo isso compõe a versão Democrática de envolver a si próprio na bandeira americana. Como qualquer Democrata de sucesso, Clinton se envolve na bandeira

dos “desfavorecidos”. Ele diz: “Não importa o quanto você pensa mal de mim, eu sou tudo o que está entre as mulheres, crianças, minorias e os pobres, e aqueles Republicanos de coração duro, que são racistas enrustidos também”. Até que o Partido Republicano retire esta arma do arsenal Democrata, os Republicanos estão condenados a frustrações e derrotas de longo prazo. Em distritos marginais e em nível nacional, os Republicanos podem vencer apenas quando os Democratas traem suas crenças esquerdistas. Mas se os Republicanos podem aprender a lutar da maneira que os Democratas fazem, eles podem muito bem se tornar o partido da maioria, como suas propostas políticas merecem.

Esta prescrição para o sucesso pode ser sumarizada utilizando a terminologia de “triangulação” inventada pelo pesquisador Republicano de Clinton Dick Morris. Para convencer os eleitores americanos que os Democratas podiam ser fiscalmente responsáveis e socialmente austeros, Clinton triangulou com os Republicanos ao se apropriar de propostas políticas Republicanas que refletiam esses valores. Os Republicanos precisam reverter o processo e triangular com a retórica dos Democratas que provou possuir apelo de massa (Não é preciso dizer que nem toda essa retórica é utilizável. Apelos Democratas à guerra de classes e cultura de vitimismo de raça são contrárias aos princípios Republicanos e aos interesses do bem público, e seria contraproducente adotá-los). Lembre-se: política tem a ver com convencer o cidadão comum de que suas propostas políticas fluem do seu interesse por eles – e do medo da agenda de seu oponente.

David Horowitz

***

[1] Essa é a grande mudança de paradigma que devemos fazer para avaliar o desempenho político. Muitas vezes, ao realizarmos a atuação política somente de acordo com os princípios morais nos quais acreditamos, terminamos por chafurdar politicamente, ou seja, aí sim indo contra os princípios morais que nós representamos, por não sabermos representá-los politicamente. Enfim, não adianta termos um princípio que se, ao ser defendido a risca, faz com que vejamos leis implementadas facilmente contra esses princípios. Isso, é claro, se assumirmos a noção de que, conforme David Horowitz nos lembra, a vontade do povo é soberana.

[2] Na época em que Bush resolveu invadir o Iraque, e estabelecer a Guerra do Golfo, praticamente a totalidade dos esquerdistas do Brasil foi contra essa ação. Na época, vários professores esquerdistas chegavam a dizer que estávamos diante de um “novo Vietnã”, e muitos torciam deslavadamente para Saddam Hussein. Obviamente, todos ficaram com o rabinho entre as pernas com a estrondosa vitória da campanha americana na guerra.

[3] Em breve trarei uma nova série, que fará a análise profunda dos textos de Saul Alinsky, líder radical de esquerda que em 1971 publicou “Rules for Radicals”,

manual de combate político esquerdista que é cartilha básica dos Democratas até hoje. Alinsky aproveitou a revolta dos esquerdistas com a guerra do Vietnã e aproveitou para embutir doses incríveis de revanchismo contra os Republicanos em sua postura. Essa proposta de Alinsky se mantém até hoje, especialmente pelos líderes da campanha de Barack Obama. E, como já disse, Hillary Clinton fez sua tese de mestrado com base no material de Alinsky.

[4] Conforme será mostrado na parte 8 (e última) desta tradução, os Democratas, sempre que puderam, utilizaram a Casa Branca para travar guerras de relações públicas com o Republicanos quando haviam divergências nas propostas políticas, como no exemplo do Tratado de Interdição de Armas Nucleares, que os esquerdistas queriam aprovar mas a direita não. Na época, os Republicanos ajudaram a derrubar a iniciativa da Casa Branca (durante o governo de Clinton), mas o governo foi usado de forma política para tentar jogar a população contra os Republicanos. Horowitz apenas propôs que os Republicanos tivessem feito o mesmo.

[5] Um dos motivos pelos quais o material de Horowitz incomoda à primeira vista (na maioria dos casos) é que não sabemos, por natureza, pensar politicamente. Esse é um instinto a ser desenvolvido. Pensamos por princípios e pensamos que automaticamente os outros irão agir desta forma. Tecnicamente, a maioria da população irá pensar por princípios, mas o mesmo não pode ser dito dos líderes políticos, especialmente os da esquerda, que já sabem pensar politicamente à muito tempo. É como no exemplo dos neo ateus, que surgem em público para difundir as mentiras de líderes como Richard Dawkins e Sam Harris. Quanto à maioria de seus seguidores, não dá para dizer que são estrategistas políticos – aliás, podemos até dizer que isso é improvável. Entretanto, Dawkins e Harris podem ser rotulados claramente de estrategistas políticos. A grande tragédia, por sua vez, é que seus adversários ainda estão pensando por princípios, não politicamente. A diferença entre saber pensar politicamente ou pensar somente por princípios será tratada nestas páginas em breve.

[6] Ao projetar sua imagem como moderada, Sheila conseguiu conquistar especialmente os indecisos, e até alguns conservadores. Conseguir esse feito é sinal de bastante inteligência política, pois, com suas pequenas conquistas, ela conseguiu enfim ir para Sacramento onde conseguiu os seus principais objetivos, incluindo o aumento de impostos. Enquanto isso, seu oponente conservador, fiel aos princípios na época da campanha, não conseguiu a posição obtida por Sheila, e, portanto, teve que assistir seus princípios serem derrotados lá na frente, com a vitória de Sheila.

[7] De uma forma bastante pragmática (e também muitas vezes incômoda), esse é um dos principais pontos de avaliação do desempenho político: os resultados. Se Reagan conseguiu mais implementações a favor de seus princípios, do que implementações contra, politicamente ele foi um vitorioso. Mas, voltando ao tema do purismo (a essência deste capítulo, diga-se, de passagem), se alguém permanece fiel aos seus princípios, e vê que TODAS as implementações políticas vão contra os seus princípios, isso significa alguém que em essência é um perdedor em termos políticos.

Diante desta metodologia bastante lógica para avaliar o desempenho político, poderíamos considerar as pessoas que não fazem acordos e triangulações, mas perdem as batalhas políticas, como exemplos a não serem seguidos. Talvez isso explique por que Ronald Reagan é um símbolo do conservadorismo até hoje. Ele foi um vitorioso.

[8] Isso pode dar uma explicação para o fato de que uma das guerras mais facilmente vencidas pela esquerda está na questão do neo ateísmo. Muitos religiosos têm entrado no confronto pensando em uma extensão de sua religião, agindo totalmente focados em princípios, ao invés de reconhecerem que estão dentro de uma batalha dentro da guerra política maior entre esquerda e direita. Por exemplo, o vídeo abaixo mostra um cidadão que só pensa sob o seu paradigma religioso, mas politicamente pode ser definido como alguém que nasceu para colecionar derrotas políticas. Politicamente, Jayson Rosa é um inútil:

@

Isso também me lembra a época dos posts (veja um deles aqui) em que tive um embate com um conservador que se recusava a reconsiderar alguns de seus princípios contra o aborto. Para ele, ceder na questão do aborto era uma aberração, mas já sabemos, após esta série, que politicamente não ceder nem um pouquinho significa simplesmente dar a garantia de vitória aos oponentes. Sob o prisma político, ele estava simplesmente dizendo em público que não se importava com as mulheres grávidas de um estupro, e informava que condenaria todas elas a terem um impacto por sua vida inteira caso tivessem uma gravidez indesejada. Lembremos do princípio 4, "Posição é definida por medo e esperança", pois ao dar ao povo a noção de que muitos (especialmente as mulheres) devem temer a vitória da implementação de suas idéias, ele passa a ser retirado do debate público.

Tanto no caso de Jayson Rosa (o do vídeo) como o de Jairo Filipe, temos pessoas que politicamente não tem como realizar uma atuação com o mínimo de resultados.

[9] Neste caso realmente podemos considerar os líderes comunistas como membros de uma missão religiosa, mas não da religião tradicional, e sim da religião política.

[10] O "Contrato com a America" foi um documento lançado pelo Partido Republicano na campanha da eleição para o congresso de 1994. Foi escrito por Larry Hunter, e teve a participação de Newt Gingrich, Robert Walker, Bill Paxton, Tom DeLay. Nesse contrato, foram detalhadas as ações que os Republicanos prometeram tomar caso se tornassem um partido majoritário no congresso pela primeira vez em 40 anos. Esse documento incluía os seguintes compromissos:

exigir que todas as leis que se aplicam ao resto do país também se aplicassem ao Congresso;

definir uma empresa líder de auditoria independente para realizar uma auditoria

completa em desperdícios, fraudes e abusos no Congresso;

reduzir o número de comissões da Câmara e cortar pessoal de comitês em um terço;

limitar os termos dos presidentes de comissão;

banir os votos por procuração na Câmara;

exigir que as reuniões da Câmara sejam abertas ao público;

exigir uma maioria de três quintos para aprovar um aumento de impostos;

garantir uma contabilidade honesta do Orçamento Federal através da implementação de orçamento com linha de base zero.

# VII – DEMOCRATAS E REPUBLICANOS

Os Republicanos não são um partido paralelo aos Democratas ou separados apenas por diferentes visões de certas questões. Durante as eleições presidenciais os dois partidos geralmente convergem ao centro, sugerindo aos ideólogos e observadores casuais que são todos farinha do mesmo saco. Mas isto é apenas uma ilusão sazonal. A realidade é que os Democratas e Republicanos diferem não apenas a respeito de princípios e propostas políticas; eles possuem origens políticas diferentes.

Os Democratas chegam à política partidária a partir de organizações socialistas, sindicatos e uma série e cruzadas sociais (aborto, queixas raciais e preocupações ambientais). Eles estão prontos para o combate mesmo antes de adentrarem às suas carreiras políticas. Os Republicanos treinam em tropas de Escoteiros e se graduam em câmaras de comércio e clubes rotary. Exceto pelos missionários pró-vida na coalisão conservadora, os Republicanos são inocentes em um país estrangeiro quando nos referimos à guerra política [1].

Democratas e Republicanos também possuem diferentes razões para entrar na política. Os Republicanos querem gerenciar instituições; os Democratas querem transformá-las. Os Republicanos vão a Washington com a idéia de corrigir o governo; Democratas estão em uma missão para corrigir o mundo. Por causa de sua inspiração, a agenda Republicana é largamente negativa. Os Republicanos querem encolher o governo, reduzir sua base de impostos, e cortar regulações. Quando eles tentam estabelecer uma agenda mais radical (como eliminação da televisão pública e o Departamento de Educação), são ignorados pelos seus eleitores moderados, e então perdem. Mesmo quando Republicanos tentam aumentar o gasto em um programa governamental como o militar, há um motivo negativo atrás de suas ações – eles querem terminar com uma ameaça, não iniciar algo novo.

Democratas são missionários. Eles querem transformar o mundo "em um lugar melhor" (mas sem tirar o governo das costas do povo). Mesmo suas negativas surgem a partir de uma ambição positiva: criar uma nova marca de seres humanos, salvar os seres humanos deles próprios. Eles se auto-entitulam redentores sociais e governamentais. Se os americanos tem maus pensamentos, os Democratas querem usar o poder político para reeducar os cidadãos em seminários de diversidade e sessões de treinamento de sensibilidade para tornar seus pensamentos bons. Se os americanos tem maus hábitos, os Democratas querem que o governo os puna até que eles mudem. Eles querem utilizar o poder do sistema de impostos para fazer os americanos pararem de fumar ou pararem de usar carros movidos a gás. Além de tudo, eles querem que os americanos parem de gastar seu dinheiro com si mesmos e suas famílias, e ao invés disso o entreguem para outros que os Democratas acham serem mais dignos. Por contraste, a atitude conservadora considera que ao tentar mudar o mundo a esquerda pode (e na verdade consegue) tornar as coisas piores. [2]

Sendo que as metas (salvar – ou ao menos melhorar bastante – o mundo) são tão altas para os Democratas, há um grande significado para eles caso percam eleições. Por outro lado, com a ameaça do comunismo eliminada em um mundo pós-Guerra Fria, os Republicanos normalmente se comportam como se não se importassem nem um pouco [3]. Se os candidatos Republicanos não vencem, eles podem sempre retornar aos negócios e apreciar a vida. Os Republicanos não se importam muito a respeito de política pois suas metas são normalmente modestas. O setor privado ainda é uma arena enorme, de grandes oportunidades. Corrigir o governo não é um grande negócio.

Um modelo de ativista Democrata nos é apresentado pela vida e morte trágica de Helen Bernstein, que certa vez liderou o sindicato dos professores e apoiou um candidato a um cargo político em Los Angeles. Ela tinha 52 anos de idade e era a mãe de uma filha de 17 anos quando decidiu concorrer por uma das 15 cadeiras do Conselho da Cidade de Los Angeles – treze das quais já estavam tomadas pelos Democratas em uma cidade que é o paraíso esquerdista. Uma noite chegou durante a campanha quando Bernstein percebeu que estava atrasada para uma das intermináveis reuniões com o público das quais cada candidato local deve particular. Braços carregados de folhetos da campanha, ela correu a pé pela Wilshire Boulevard para conseguir chegar e foi mortalmente atingida pelo tráfego. Assim terminou uma vida dedicada.

O que era tão importante para Helen Bernstein que valia sua própria vida? A resposta a essa questão carrega o segredo do sucesso político Democrata. Para missionárias como Bernstein, a causa – mudar o mundo – é tão grande que qualquer eleição conta. Perder uma cadeira em uma eleição menor é um retrocesso em uma luta contínua por um mundo melhor. Eu não conheço nenhum Republicano morto no cumprimento do dever como Helen Bernstein. [4]

Enquanto nem todos ativistas Democratas são tão fervorosos, cada questão que eles disputam é pintada em suas mentes com um propósito maior de redimir o mundo através do governo. Por causa da nobreza de suas intenções, eles são capazes de fazer seus fracassos parecerem sucessos e são capazes de convencer os outros disso também. Uma pesquisa organizada pelo New York Times e a CBS ao final de 1999 mostrou, por exemplo, que os “Democratas conseguem a confiança do público na questões eleitorais mais críticas, incluindo sistema de saúde, educação e segurança social”. Isto ocorre porque os Democratas tem obtido sucesso gerenciando o sistema de saúde, a educação e a previdência? De acordo com os próprios Democratas, cada um desses sistemas estava em crise no momento em que a pesquisa foi feita, e cada um deles requeria bilhões de dólares para ser reparado.

Algumas das “crises” eram mais retóricas que reais, mas outras – como a da educação – não. Logo após a pesquisa ter sido publicada, o Los Angeles Times reportou um plano para encerrar a “promoção social” nas escolas da cidade e manter as crianças que não haviam obtido suas notas de corte, que deveriam ser abatidas. A razão que os

administradores deram foi que eles conduziram uma investigação e concluíram que deveriam segurar 350,000 crianças – metade do sistema escolar inteiro – por que eles tinham falhado ao aprender o trabalho requerido e seriam forçados a repetir o ano escolar de acordo com o plano. Isto não é uma "crise". Isto é uma catástrofe social, engolfando centenas de milhares de pessoas em sua maioria pobres, incluindo crianças hispânicas e negras, em escolas públicas de Los Angeles, mantendo-as sistematicamente privadas de oportunidades para mudar suas vidas. Helen Bernstein e seus amigos do sindicado dos professores são responsáveis por isso – mas ninguém pensa em culpá-los. Entre os políticos, se evadir da responsabilidade é uma forma de arte, tornado as vezes difícil dizer quem é responsável por qual bagunça governamental. Mas em áreas como política educacional, não é muito difícil ver quem são as ovelhas e quem são as cabras.

A educação não é principalmente uma questão federal. Mais de 90% dos dólares da educação são obtidos e gastos em nível local. Por isso, as administrações nacionais Republicanas de décadas anteriores dificilmente podem ser consideradas responsáveis por este desastre. Nem podem os dois congressos Republicanos dos últimos quarenta anos. Na maioria das grandes áreas urbanas, dificilmente há um único Republicano eleito em qualquer comitê escolar ou responsável pela administração de qualquer distrito. Democratas, esquerdistas e não poucos marxistas obtiveram controle a maioria dos sistemas escolares das grandes cidades na America pelos últimos sessenta anos, incluindo aqueles em distritos nas grandes metrópoles: Nova York, Chicago, Los Angeles, Baltimore, Bolton e Washington [5]. A verdade inegável é que os Democratas são responsáveis por tudo que deu errado nas escolas públicas em relação ao que pode ser causado ou corrigido pelas políticas públicas.

Ainda assim Democratas possuem a confiança do público em relação a educação, que é percebida como uma "questão Democrata". Como isso pode acontecer? Não será que a calúnia Democrata – que Republicanos não se importam com a educação – tem algum papel nisso? Não será que mesmo que os Republicanso queiram, eles não tem uma resposta para as falhas que as propostas políticas Democratas produziram? Não será por causa de que eles não possuem programas para resgatar crianças pobres e oriundas de minorias do destino que lhes foi forçado pelos Democratas? De fato, os Republicanos se importam e possuem soluções. O que eles não possuem é a mais nebulosa idéia de como apresentar estes programas para o eleitorado americano de uma forma que poderia ganhar sua confiança. Eles não possuem uma pista de como lutar a batalha política.

Enquanto política é guerra conduzida por outros meios, Republicanos estão geralmente relutantes em disparar um tiro. Eles podem se opor a travas de gatilho para armas reais, mas estão aptos a colocarem suas armas políticas em caixas trancadas por cadeado e jogar fora as chaves [6]. No debate a respeito das escolas durante a negociação de orçamento em 1999, os Republicanos mais ou menos se retiraram da disputa e permitiram que os Democratas se posicionassem como o partido da educação. Durante as manobras a respeito do orçamento, os Democratas

foram capazes (como sempre) de se posicionarem como lutadores pelas crianças e os Republicanos como os avarentos da educação. A resposta Republicana para as propostas Democratas foram aquelas típicas dos bananas: “Ok, vamos conceder algum dinheiro que você está pedindo pelos mesmos velhos programas, somente para mostrar que nós não temos um coração de pedra, como você diz que temos. Deixemos que o presidente tenha os fundos que ele queira para 100 mil novos professores e chame isso de ‘solução’, mesmo que nós tenhamos dúvidas que isso vai funcionar, já que os professores ainda serão pagos não por produzirem resultados, mas apenas por aparecerem. O presidente está realmente dando dólares de impostos para os sindicatos que o apoiaram”.

O que o público ouve neste debate congressional é a mesma velha frase defeito: “Democratas querem mais dinheiro para educação; Republicanos querem menos”. Qualquer análise mais profunda é perdida na estática. Se os Republicanos tiverem sorte, o público irá ouvir que os Republicanos podem se preocupar com a educação, mas não tanto quanto os Democratas. Eleitoramente, isso não faz muita diferença. É claro, muitos eleitores já não estão ouvindo os Republianos pois os Democratas os convenceram que todos os Republicanos se importam com “redução de impostos para os ricos”. [7]

Se a crise da educação pode ser solucionada pela adição de mais professores à folha de pagamento, quem iria se opor a isso? O problema é que os Democratas tem adicionado professores e fundos por décadas, mas a crise da educação só tem piorado. Os Republicanos tem uma explicação: você pode adicionar todos os professores e fundos que quiser, mas se não há conexão entre o desempenho dos professores e suas remunerações, não haverá melhoria. Alguém poderia discordar na questão dos “vouchers” e “bolsas de estudo de oportunidade” ou até que um drástico enfraquecimento do lobby dos sindicatos seriam as maneiras para conectar desempenho educacional e remuneração, mas não há dúvidas que o Partido Democrata, tão ligado como está às suas propostas que levam à falência e aos interesses do sindicato, é o menos capaz de entregar um resultado.

Como os Republicanos podem fazer sua mensagem chegar ao eleitorado? Apenas fazendo o que os Democratas fazem. Primeiro, eles podem atacar a credibilidade de seus oponentes. Enquanto o público acreditar que os Democratas são o partido a merecer confiança no que tange à educação, os argumentos Republicanos irão ecoar em ouvidos surdos. Aqui está uma mensagem que os Republicanos poderiam usar para neutralizar a confiança que o povo erroneamente deposita nos Democratas: “Democratas aleijaram e quase destruíram o sistema educacional público através de cinquenta anos de inchamento burocrata e políticas egoístas que somente beneficiam os sindicatos. Nas maiores cidades, as escolas públicas falham em graduar cerca de 50% de seus estudantes pertencentes às minorias. A falta de educação geralmente leva a toda uma vida de pobreza. No passado, as escolas públicas eram o caminho para o sucesso de imigrantes e pobres americanos. Agora elas são becos sem saída para garotos sem futuro. Nenhum Democrata no Congresso envia suas próprias crianças

para escolas públicas. Por que eles devem ter o direito de condenar as crianças das minorias e os pobres a um sistema fracassado que nem eles acreditam poder receber suas crianças? É tempo de acabar com essa tragédia social, para dar a essas crianças um direito a participar do Sonho Americano". [8]

Esta é a mensagem, mas onde está o Republiano que irá dá-la? Se os Republicanos não identificarem os Democratas como a causa da crise da educação enquanto estão no debate, eles já amarraram uma de suas mãos às costas, prenderam a outra sobre suas bocas, e colocaram 100 kilos de peso ao redor de suas pernas. Como resultado da inaptidão Republicana para a guerra política, os Democratas se tornaram um partido "teflon", capaz de escapar ileso dos desastres sociais que suas propostas políticas criaram.

David Horowitz

***

[1] Eu nunca tinha pensado nisso, e Horowitz realmente matou a charada. Quando eu criei o rótulo cristão manso, para definir cristãos que aparentavam uma ingenuidade de criança quando adentravam ao combate político com os neo ateus, não conseguia entender a origem de tamanha ingenuidade. Eles eram adultos, mas caiam em todos os engodos dos neo ateus, e até por isso escrevi o post no qual cunhei a expressão clicar no email de phishing achando que ele veio por engano. Entendo que, ao conhecemos as origens da postura militante esquerdista, e por que eles estrategicamente se dão melhor em termos políticos, aos poucos essa deficiência conservadora pode ser corrigida por meio de conscientização. Até por que me lembro da história de uma líder de projetos que era conhecida por sua ingenuidade, a qual afetava todas suas negociações. Depois da décima vez, ela conseguiu assimilar que realmente era ingenua, e começou a ter desempenhos melhores – por exemplo, não dizer "sim" à qualquer solicitação de mudança de escopo. Em breve, também tratarei de uma nova metodologia, a qual defino como estupro mental, na qual humilhamos de forma cruel e impiedosa alguém de NOSSO PRÓPRIO GRUPO, reduzindo-a a praticamente nada, de forma a retirar o conteúdo de ingenuidade que há dentro dela.

[2] A constatação aqui é que politicamente os conservadores precisam "remodelar" suas propostas de forma a mostrar o aspecto positivo delas. Hoje provavelmente a agenda é negativa, pois eles estão muito na defensiva. Mas a intenção dos pais fundadores era uma agenda positiva. Outro exemplo está na questão dos neo ateus, que aparentemente teriam uma agenda negativa, mas quando eles dizem que fazem tudo isso por "um mundo melhor, salvo pela ciência, que é representada por eles" todas as suas ações, embora vis e torpes, são encapsuladas pelo objetivo positivo. Essa prática da "remodelação" de propostas é uma arte que os conservadores devem dominar, e, com o fato de 200 milhões de pessoas terem sido mortas de regimes de esquerda, uma própria proposta dizendo que o "conservadorismo representa o retorno aos ideais da América, de oportunidades para todos, sem o governo atrapalhando" é

uma mensagem positiva, que, se impregnada na mente da população, irá trazer por consequência uma conotação positiva a ataques feitos ao esquerdismo (uma agenda negativa).

[3] Este “gap” foi aparentemente corrigido com o surgimento do Tea Party, que defino como um impulso extremamente positivo do conservadorismo, conforme mencionei anteriormente. Já o surgimento do Occupy Wall Street, com sua mensagem explicitamente socialista, poderia reativar uma nova versão da Guerra Fria, que daria uma causa aos conservadores. É tudo questão de aproveitar o momento.

[4] Eu não quero que nenhum conservador perca sua vida na batalha política. Entretanto, é importante termos uma causa pela qual lutarmos. Um filme muito interessante é “O Mensageiro”, com Kevin Costner, no qual ele lidera uma rebelião contra um ditador cruel, Bethlehem, em um mundo pós-apocalipse. Ao final, Bethlehem diz que não pode ser vencido, pois seus adversários “não acreditam em nada, não lutam por nada”, e ouve a resposta de Costner: “Eu acredito… nos Estados Unidos da América”. Essa metáfora de “acreditar em um ideal”, como parte fundamental da batalha política, deve ser estudada com muito carinho pelos conservadores. Também é importante lembrar que acreditar em um ideal não significa ter um idealismo bobo no qual a proposta é salvar o mundo, mas sim dar oportunidades iguais a todos, ter o sonho americano, etc. Cada cultura terá seus ideais. Em 1964, por exemplo, quando o Governo Militar tomou o poder com o apoio da população brasileira, havia um ideal positivo, que era a manutenção da liberdade em um país em crescimento, ao contrário da ameaça da ditadura comunista que estava por vir.

[5] E esses são os fatos. A estratégia gramsciana é responsável pela tomada do sistema educacional pelos esquerdistas, e portanto o estabelecimento de uma liderança esquerdista por lá. Logo, os problemas da educação não são oriundos da direita, mas da esquerda, e essa mensagem deve ser passada à população da forma mais simples possível.

[6] Em termos do que falo por “estupro mental”, esse é o tipo de mensagem importante. Algo como: “se você é tão ativo em pedir o direito de usar armas, por que se torna tão frouxo quando é para disparar uma bala política contra o seu inimigo?”.

[7] Em relação a “não ouvir mais” os Republicanos no debate político, creio que já ficou bem claro (e não é a primeira vez que estou ressaltando) que técnicas como controle de frame e domínio do jogo de rótulos, apresentadas aqui, não possuem mero aspecto decorativo. Pelo contrário, são instrumentos centrais para o duelo político.

[8] Note que esta é a mensagem, para a qual ainda poderia ser efetuada uma frase de impacto como “Republicanos querem uma educação que dê oportunidade a todos, enquanto Democratas apoiam um sindicado que faliu o sistema público”.

# VIII – FAZENDO O SEU CASO

A atitude não-combatente é tão pervasiva nas propostas Republicanas que isso chega a afetar sua habilidade de guardar seu terreno. Isso em territórios que são tradicionalmente seus. Considere a “questão Republicana” da defesa nacional. Pelos últimos cinquenta anos, os eleitores americanos tem (corretamente) confiado nos Republicanos para defender o interesse nacional ao invés dos Democratas, que sempre agiram de forma “suave” em relação aos adversários da America em questões internacionais, sendo sempre incapazes de gastar os dólares necessários com os militares. Mas considere a chuva radioativa política quando os Republicanos rejeitaram o Tratado para Proibição Completa de Testes Nucleares [1] no inverno de 1999.

O debate no senado colocou frente a frente ambas as filosofias. Os Democratas foram a favor do acordo de controle de armas pois, como esquerdistas, eles acreditam nas intenções fundamentalmente boas da maioria dos seres humanos e suas habilidade em usar a razão em seu próprio interesse [2]. Os Republicanos se opuseram ao tratado pois são céticos quando a estratégias de controle de armas e suspeitam de boas intenções. Os Democratas defenderam o tratado de interdição de armas nucleares como um momento de verdade para a liderança americana. A ratificação, argumentaram eles, daria um exemplo às outras nações, que seriam motivadas a perseguirem também um ideal de sanidade e contenção. Rejeitar o acordo seria abandonar o papel de liderança da America, deixando o mundo sem uma direção. Os Republicanos tinham uma idéia diferente. Eles argumentaram que os programas de controle de armas tem falhado ao longo dos anos e que eles são perigosos exatamente por causa deste aspecto.

As politicas internacionais de controle de armas implementadas após a Primeira Guerra Mundial são um exemplo. As Democracias do Ocidente – America, Inglaterra e França – observaram os tratados, mas as ditaduras – Alemanha e Japão – não. As ilusões de controles de armas permitiram que o Eixo ganhasse uma vantagem militar nos anos pós-guerra, o que os levou a se arriscarem em um confronto militar. Estas ilusões foram uma causa central (alguns diriam que foi a maior causa) da Segunda Guerra Mundial [3]. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos novamente atenderam aos tratados de controle de armas, mas seus oponentes não. O controle de armas amarrou as mãos da América, mas não de seus adversários. Os Republicanos não vêem razão para acreditar que um novo tratado teria qualquer tipo de diferença prática em relação aos anteriores.

O Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares foi um momento de verdade para ambos os partidos. Os Republicanos tinham um melhor senso da história e uma melhor visão da natureza humana ao sustentar seus argumentos [4]. Eles se opuseram ao tratado pois as tecnologias atuais não podiam verificar se pequenas explosões nuclearem realmente ocorreram ou não. Tais testes eram necessários para o

desenvolvimento de armas nucleares para potencias como China, Iraque e outros estados despóticos, mas não havia maneira de garantir que eles abandonariam os testes e respeitariam o tratado uma vez que o tivessem assinado. A China apoiou o tratado, já que que os ditadores de lá sabiam que isso iria amarrar as mãos da America, mas não as suas. Os Estados Unidos, que tem sido uma sociedade aberta, seria compelido a respeitar os termos do tratado. Sociedades fechadas como a China e seus aliados Irã, Líbia e Iraque, não.

Os Republicamos tinham o melhor lado do argumento. Tanto a história como o realismo ditaram que os Estados Unidos não deviam assinar. Ao final, sua maioria os permitiu derrubar o tratado, ainda que eles tenham perdido o debate público. A razão foi que enquanto os Democratas perdiam a votação no congresso, eles imediatamente foram para a ofensiva política. A rejeição do tratado pelo Senado foi acompanhada pela acusação da Casa Branca que os Republicanos eram "isolacionistas", incapazes de lidar com as realidades do mundo moderno. Antes da Guerra Fria, isolacionismo tinha um impacto profundo na sensibilidade do povo. Os isolacionistas Republicanos acreditavam que se a America se recolhesse à sua fronteira continental, poderia ignorar o que ocorreria no mundo lá fora.

Mas isso foi há mais de 50 anos atrás, quando o Partido Republicano era uma coalisão totalmente diferente da atual. Os Republicanos abandonaram suas posições isolacionistas em 1948 quando seu líder e porta-voz, Senador Arthur Vandenburg, anunciou seu apoio à Doutrina Truman e à Guerra Fria contra o império Soviético. Os Republicanos se mantiveram na trilha, mantendo o internacionalismo da Guerra Fria da Administração Truman até que o Muro de Berlin finalmente caiu. Ao acusar os Republicanos de serem um partido isolacionista, dada essa história, os Democratas recaiam em uma sonora mentira política.

Isso não refreou Clinton, é claro. Mas enquanto uma mídia esquerdista deu apoio a este ataque partidário, os Republicanos ficaram de queixo caído, politicamente paralizados. Ao invés de lançarem um contra-ataque, eles procuraram os microfones públicos para explicar que tinham sido mal interpretados. Não era verdade que eles foram isolacionistas e era injusto rotulá-los dessa maneira. As frases de impacto que o público ouvia eram: "Republicanos são isolacionistas, Republicanos negam a acusação". Não é preciso da ajuda de um Dick Morris para descobrir qual posição tem a vantagem.

O que o público eleitor não conseguiu ouvir foi qualquer acusação contra os Democratas oponentes ao tratado. Não houve qualquer rótulo como "isolacionista" para lançar ao outro lado. Um rótulo adequado que os Republicanos podiam ter usado contra seus oponentes Democratas era "apaziguadores", já que Clinton tinha revivido os termos do debate pré-guerra. O tratado era focado em tomar uma posição frouxa em relação a regimes como China, uma ditadura brutal que nunca assinou um acordo que não estava preparada para quebrar. Ao aplicar a acusação de "apaziguador" ao Presidente os Republicanos teriam ressaltado o fato de que o Tratado de Proibição

Completa de Testes Nucleares foi em parte desenhado para acalmar ditaduras, agressores potenciais, e famosos violadores de normas internacionais. O rótulo iria lembrar aos eleitores, mais uma vez, que os esquerdistas tinham deixado seu otimismo esquerdista embaçar sua visão política.

Eu fiz esta sugestão ao diretor de comunicações do Comitê Nacional Republicano, e recebi a seguinte resposta: "Os Republicanos não rotulam os Democratas como apaziguadores no debate do tratado, pois Trent Lott não acredita que Bill Clinton é um apaziguador" [5].

Minha resposta foi essa: "Primeiro, Bill Clinto é um apaziguador. Segundo, isto é política! Você acha que Bill Clinton realmente acredita que os Republicanos são isolacionistas? Ele rotulou você com um poderoso rótulo negativo e vocês não o rotularam de volta. Acordem. Vocês estão perdidos! Você acha que os eleitores vão dar aos Republicanos uma medalha de ouro pelo uso meticuloso da linguagem, precisão e bom comportamento?"

Uma zona ainda mais turbulenta para a inaptidão Republicana é raça. Aqui, os Democratas são capazes de usar seus trunfos com facilidade. Os Republicanos são tão regularmente e tão desvastadoramente derrotados na questão de raça, que os Democratas basicamente precisam aparecer para vencer. No inverno de 1999, tudo o que os Democratas tinham que fazer era nomear um Afro Americano moralmente contestado e corrupto para criar uma arapuca para os Republicanos. Se os Republicanos ratificassem a nomeação da ex-Senadora Carol Moseley-Braun, os Democratas ganhariam a aclamação da comunidade Afro Americana. Se os Republicanos se opusessem a sua nomeação, os Democratas poderiam insinuar que eles eram racistas. Em ambos os casos, os Democratas podiam contar com os Republicanos para cooperarem com sua própria derrota. [6]

Como senadora, Carol Moseley-Braun ficou famosa por desafiar a política de seu próprio governo, aproximando-se do ditador da Nigeria – um sádico opressor de Africanos negros. Ao fazer isso, Moseley-Braun trouxe a si própria a ira da Administração Clinton, além de organizações de esquerda como a TransAfrica de Randall Robinson. Os Republicanos lembraram os Democratas disto quando sua nomeação surgiu? Eles apontaram a falta de preocupação deles com os nigerianos que sofriam e seus lapsos éticos no cargo quando fez dessa nomeação um insulto para todos os Americanos e Afro Americanos em particular?

Ao invés disso, o líder Republicano no senado, Jesse Helms, deixou claro que seu motivo para se opor a sua nomeação foi vingança contra a postura que ela tinha tomado contra a bandeira confederada! The night they drove old Dixie Down, all the liberals were singing… [7]

Pouco após este episódio, eu desembarquei em Bloomfield Hills, um próspero subúrbio de Detroit, para conversar com ativistas Republicanos. O gerente da

campanha para o congressista local me pegou no aeroporto. Durante a viagem, eu lhe perguntei a seguinte questão a respeito da eleição de 2000, naquela época havia exatamente um ano: “A economia está em expansão, e as pessoas tem mais dinheiro em seus bolsos. Me dê três razões pelas quais alguém deveria votar em um Republicano este ano?”

O silêncio foi longo e doloroso. Outro ativista do partido, que estava no passeio, interveio para oferecer uma explicação laboriosa do porque ele sentia que a filosofia Republicana do governo limitado e respeito pelo indivíduo significava que aos políticos Republicanos poderia ser melhor confiado o poder do estado do que aos Democratas. Seu argumento se arrastou por alguns minutos, antes que eu o interrompesse.

“Veja”, eu disse, “Vai ocorrer uma eleição em doze meses. É provavelmente a eleição mais importante em vinte anos. Os eleitores que acreditam nos Republicanos já votam nos Republicanos. Você tem menos que trinta segundos para alcançar o eleitor indeciso médio que, por acaso, está completamente desinteressado no processo político, e que pensa que todos os políticos são substituíveis, para não mencioná-los como de menor grau na escala de seres que merecem confiança. O que você irá dizer-lhes para conseguir seu voto?”

Silêncio.

“Eu vou lhe dar a uma ajuda. Os Democratas já estão enfurnados em suas war rooms. Eles já sabem sua “linha de marcha”. Eles já identificaram as questões que acreditam que afundarão vocês, e já possuem frases de impacto para usá-las nesse intento. Eles vão abordar o ambiente, o aborto e controle de armas só para começar. Aqui está como: ‘Se você eleger os Republicanos, eles vão dar uma trégua às empresas poluidoras, que lhe tirarão o ar que você respira. Se você eleger Republicanos, eles irão convidar o governo ao seu quarto para dizer à sua esposa ou filha o que fazer com sua gravidez, algo que as afetará pelo resto da vida. Se você eleger Republicanos, eles irão tornar armas disponíveis a crianças perturbadas, transformando-as em serial killers e deixá-los soltos nas escolas infantis.”

Eu fiz uma pausa, esperando por uma resposta. Nenhuma surgiu. “Veja como essas proposições são formuladas”, continuei. “Elas são gritos de guerra. Elas dão às pessoas uma razão de vida ou morte para votarem. Elas fazem os Republicanos parecerem inimigos das crianças, mulheres e toda a humanidade. Elas mostram que os Democratas se preocupam com sua segurança e bem estar. Eles precisam de 10 segundos para usar este tipo de material. Qual é sua resposta?”

O gerente de campanha republicano e o ativista apenas ficaram estáticos.

Este é, em uma casca de noz, o problema Republicano. Os Republicanos são solucionadores de problemas, não guerreiros ideológicos. Eles não estão preparados

para a batalha política que os Democratas vieram lutar. Isto é mais que um dilema partidário. É uma tragédia nacional. Traduzido em termos humanos, o sucesso do esquerdismo do Partido Democrata significou milhões de vidas ofuscadas nos subúrbios e no interior, um fardo de impostos injustos contra a classe média, e um ambiente inseguro para todos nós. Isto já é razão suficiente para apoiar a agenda Republicano. Depende apenas dos Republicanos aprenderem a fazer seu caso.

David Horowitz

Obs.: Com este último texto, conclui-se a série "A Arte da Guerra Política", tradução do panfleto original de David Horowitz e parte do livro "The Art of Political War and Other Radical Pursuits". No link ao lado, seção "Estudos de Caso", toda a série está disponível para consulta, em suas 8 partes. Se para mim, o livro é influência central em meus escritos, para vocês creio que poderá ser extremamente útil como ferramenta de conscientização a respeito de como agir politicamente. Espero que façam bom uso.

***

[1] Esse Tratado (no original, CTBT, ou Comprehensive Nuclear Test Ban Treaty), proibia quaisquer explosões nucleares em qualquer ambiente, não importa se os fins fossem militares ou civis.

[2] Já não era sem tempo. A Crença no Homem é uma estratégia fundamental do pensamento de esquerda. Relembrando o que isto significa: "Crença na idéia de que o homem, poderá por sua ação, através da razão, empatia e/ou ciência (ou qualquer outro atributo usado para simular âncoras positivas) eliminar as contingências humanas, como luta por auto-preservação, territorialismo, gregarismo e busca pelo poder, para então criar um cenário na Terra em que um grupo específico de homens (estes "iluminados") protegeriam a humanidade como um todo, com justiça para todos e amplificação da felicidade global."

[3] Este é um apontamento de uma possível consequência da religião política. Ao se confiar no ser humano, sempre existe o preço a ser pago por essa confiança. Vale a pena aprofundarmos as investigações a respeito do que facilitou a vida dos países que resolveram detonar a Segunda Guerra Mundial.

[4] Isto explica por que os esquerdistas se incomodam tanto com o uso da expressão "natureza humana", pois eles querem acreditar que ela não existe, e, se existe, é mutável e completamente influenciável pelo ambiente. Quer dizer, coisas como gregarismo e territorialismo para eles não são inerentes à espécie humana, mas aprendidos culturamente. É claro que tal visão não tem nenhuma sustentação científica.

[5] É este tipo de simulada nobreza que ajuda a derrubar muitos Republicanos e

conservadores. Ao pensar por princípios, mas não politicamente, automaticamente isso permite que o adversário possa fazer gato e sapato daquele que está tomando a postura ingênua no debate.

[6] Isso explica, aliás, por que Barack Obama é tão blindado. O fato dele ser negro o habilita a fazer absolutamente o que quiser, enquanto os jornalistas esquerdistas fazem cara de repulsa e indignação a cada acusação que ele recebe. Esse é o gancho para facilitar com que as acusações sejam facilmente retiradas de sua frente puramente pelo uso do apelo emocional. E é justamente por isso que os Republicanos deviam investir cada vez mais em candidatos representantes das minorias.

[7] Não há uma estratégia mais estúpida para se opor a alguém politicamente do que dar uma justificativa banal para fazê-lo. Chego a lembrar do autor Leandro Narloch, ao lançar seu “Guia Politicamente Incorreto para a História do Brasil”, quando disse que seu objetivo era ser um “pentelho” (algo mais ou menos assim). Isso não é um motivo que preste para justificar uma oposição. É importante que, no ato da oposição a alguém, que esse motivo seja algo nobre. Ou é isso ou então é melhor ficar calado.